

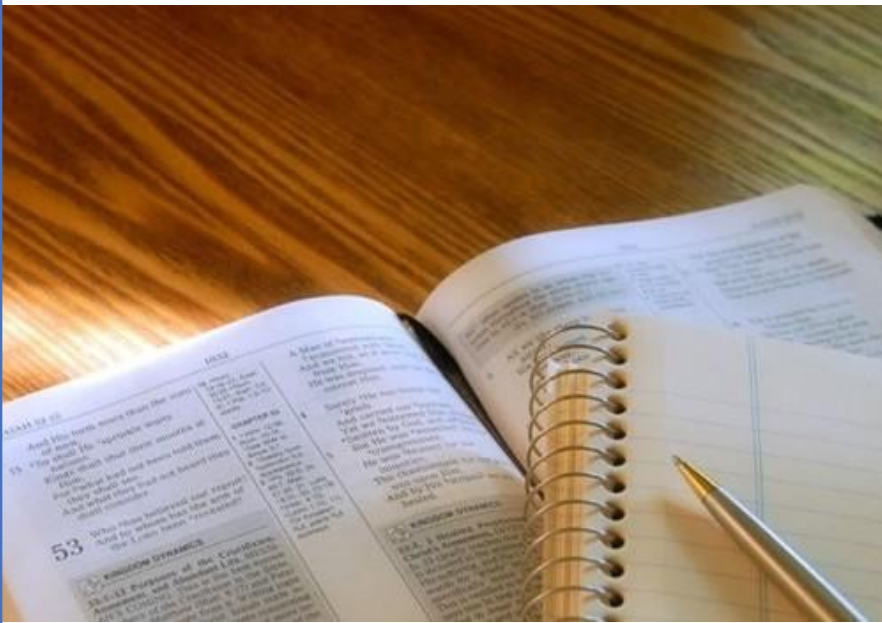


Revista Teológica Fatesul

Nesta Edição

**Escatologia em perspectiva
Reformada**

Volume 1 | Número 2 | 2018



Revista Teológica

Fatesul

Rua: Raul Joaquim Quadros
Gomes, 420 - Tarumã,
Curitiba - PR

Direção Fatesul

Francisco Creti Neto

Editor

Luciano Azambuja Betim

Conselho Editorial

Rev. Elizeu Eduardo de Souza

Rev. Roberto Verburg

Presb. Rogério Kampa

Presb. Emanuel Carlos

Informações

Publicação trimestral
confessional, conforme a
Confissão e Catecismos de
Westminster, Confissão Belga,
Catecismo de Heidelberg e
Cânones de Dort.

O conteúdo dos artigos são de
responsabilidade de seus
autores.

Jornalista responsável

Patricia Cretti

DRT - 9475/PR

Projeto gráfico e editoração

Luciano Azambuja Betim

Pareceristas da Edição anterior

Luiz Eduardo Pugsley Ferreira

Vinício Gomes

Alexandre Neubert Da Silva

Ivan Santos Rüppell Júnior

SUMÁRIO

EDITORIAL

Escatologia em perspectiva reformada |
p.3

DOSSIÊ

A esperança na ressurreição e o corpo
inocorrível: análise exegetica de 1
Coríntios 15.50-58 | p.5

Escatologia cristã: a doutrina das últimas
coisas no pensamento de João
Calvino | p.22

Anticristo, uma influência ou pessoa?
Apontamentos escatológicos sobre sua
identidade | p.41

A perspectiva puritana sobre a doutrina
das últimas coisas | 57

ARTIGOS

Influência do Cântico dos cânticos na
cantiga de amigo: um brando soprar | p.76

EDITORIAL**Escatologia em perspectiva reformada**

Ricamente abençoados por Deus. Esse é o sentimento ao apresentar o segundo volume da Revista Teológica da Faculdade Presbiteriana Fatesul. Pela graça de Deus este projeto tem prosseguido de vento em popa, apresentando nesta edição uma coletânea de textos sobre “Escatologia em perspectiva Reformada”. Até que “ele venha”, a igreja de Cristo se põe a meditar sobre esse tema.

O primeiro texto, de autoria de Luiz Felipe Machado, apresenta alguns apontamentos exegéticos sobre o corpo incorruptível por ocasião da ressurreição. O segundo texto, de autoria do prof. Ivan Santos Ruppell, nos presenteia com uma brilhante exposição do pensamento escatológico de João Calvino. O terceiro artigo, escrito pelo prof. Luciano Azambuja Betim, busca identificar as principais interpretações sobre a identidade do anticristo. O quarto texto, de Maicon Baracho, aborda os principais elementos da escatologia dos puritanos. Por fim, na seção de Artigos, um belíssimo texto de autoria de Zipora Dias Vieira, discorrendo sobre o Cânticos dos cânticos e sua relação com as Cantigas de amigo”.

Sob as bênçãos do Eterno, desejamos uma rica e proveitosa leitura.

Prof. Luciano Azambuja Betim (Editor geral)

DOSSIÊS

Escatologia em perspectiva Reformada

**A ESPERANÇA NA RESSURREIÇÃO E O CORPO
INCORRUPÍVEL: ANÁLISE EXEGÉTICA DE 1
CORÍNTIOS 15.50-58**

Luiz Felipe MACHADO*

RESUMO: Este artigo busca, em sua primeira, apresentar as contribuições e ideias do texto de 1 Coríntios 15.50-58, através da exegese dos textos originais em grego Koiné. Na segunda parte será apresentado o contexto da cidade de Corinto durante o período de escrita do texto, além de informações sobre a vida e a teologia de Paulo o autor do livro de Coríntios, para detectar seu estilo literário e formação teológica, com o objetivo de expor com mais exatidão sua cosmovisão e objetivo com essa perícopo. Na terceira parte será feita uma aplicação do texto para a realidade da igreja pós-moderna, visando o que o entendimento teológico da esperança escatológica em Jesus gera na igreja atual.

PALAVRAS CHAVE: Corpo incorruptível; Ressurreição; Escatologia; Salvação; Glorificação.

* Graduado em Teologia pela Faculdade Batista do Paraná; Pós-graduado em Capelania e Aconselhamento pela Faculdade Batista dos Paraná; Pastor Batista (Convenção Batista do Brasil); Email:

prluizfelipemachado@gmail.com

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é resultado do estudo de uma perícopes bíblica a partir da língua original, contando com ferramentas de apoio para uma melhor compreensão e um melhor resultado. Pretende-se, a partir de ferramentas técnicas e científicas, uma análise exegética de 1 Coríntios capítulo 15, do versículo 50 até o 58, a fim dessa pesquisa zelar pela coerência bíblica e pela teologia cristã.

As fontes do trabalho reproduzem o padrão do próprio texto impresso na Bíblia Interlinear Grego – Português. Importa salientar ainda que o estudo da Bíblia visa compreender o que é a ressurreição dos mortos, como isso ocorre, o que está implícito ao cristão que crê nessa doutrina e o que se espera dessa pessoa nos dias atuais. Procura-se ainda compreender como esse ensino se aplica de forma relevante no século XXI, levando à reflexão sobre a práxis cristã, liturgia de culto e forma de evangelismo.

Com o objetivo de uma melhor compreensão sobre a proposta da perícopes, será necessário delimitar o texto.

Entende-se que não é uma tarefa fácil identificar qual o início e o final do capítulo, tendo em vista que os escritos originais não tinham divisões em capítulos e nem subdivisões em versículos em sua estrutura, e que a maior parte dos títulos encontrados hoje são inclusões de tradutores.

Sendo assim, para que haja zelo com os originais e um estudo exegético de excelência, será necessária a delimitação extremamente cuidadosa do capítulo a que esse trabalho se propõe a estudar. Para essa delimitação, Gusso aponta três elementos gerais a serem identificados, são eles: “[...] 1 – indicadores de um início; 2 – indicadores de término; 3 – indícios que aparecem no texto”. (2005, p. 211)

Baseado nisso, o texto será a primeira carta aos Coríntios, capítulo 15 do versículo 50 a 58, pois “Esse capítulo inteiro trata da ressurreição” (WIERSBE, 2007, p. 808). Do versículo 50 em diante, pode-se observar que há uma mudança de temática no discurso de Paulo, como se intencionalmente estivesse caminhando para o fechamento e conclusão acerca do tema central do capítulo.

A autoria da epístola em estudo é reconhecida por maior parte dos estudiosos do Novo Testamento como sendo Paulo, e a própria carta (1 Co 1:1-2; 16:21) deixa indícios claros de que o autor é realmente o apóstolo. Já em 95 d.C. Clemente de Roma refere-se à epístola dizendo-a do "bendito Paulo, o apóstolo" (MOODY, 2010, p. 371).

Quanto à data, a carta não nos deixa sequer uma sutil menção. Segundo Moody a carta foi escrita em 55 d.C. (2010, p.372). Já para Wiersbe a data é de 56 d.C. (2007, p.742); e em MORRIS vemos que a nossa epístola teria sido escrita em alguma ocasião em meados da década de cinquenta (1986, p.22). Sendo assim, para esse estudo exegético será considerada a data de 55 d.C., levando em conta a proximidade de opiniões dos estudiosos.

Dentro dessa perícopes a palavra, "portanto" é usada apenas no início do versículo 58 e tem o objetivo de caminhar para a conclusão do discurso acerca do tema central do capítulo 15 de 1 Coríntios. É nítido que Paulo finaliza com uma chamada à reflexão aos irmãos de Corinto, incentivando-os a manterem-

se firmes ao ponto de nada os abalar, perseverando na obra do Senhor, o que nunca será em vão.

O capítulo 16, versículo 1 em diante Paulo começa a tratar de outro assunto que se torna irrelevante no que diz respeito ao tema do capítulo 15. Sendo assim, pode-se afirmar que o discurso de Paulo acerca da ressurreição é finalizado no versículo 58 de 1 Coríntios 15.

O texto é extremamente coeso em torno do tema da ressurreição de Jesus e conseqüentemente a dos cristãos. Não temos indicio de outra temática abordada no texto que possa remeter a um início antes do primeiro versículo do capítulo 15, e muito menos uma continuação do discurso após o versículo 58.

Poderíamos delinear a perícópe dividindo-a em quatro partes: 1 - Quem pode herdar o Reino de Deus; 2 - Quando e como ressuscitaremos; 3 - Cumprimento da palavra; 4 - Vitória e perseverança em Jesus Cristo. Dessa forma, o texto é muito claro quanto a sua didática de começo, meio e fim.

Por fim, será feita uma aplicação do texto para a realidade da igreja pós-moderna, visando o que o entendimento teológico da esperança escatológica em Jesus gera na igreja atual.

1. A ESCOLHA DO TEXTO DE 1 CORÍNTIOS 15.50-58

O presente trabalho refere-se a uma exegese, um estudo de uma perícopes bíblica a partir da língua original contando com ferramentas de apoio para sua melhor compreensão. Essa pesquisa zela pela coerência bíblica e pela teologia cristã.

A sequência da pesquisa adotada durante o processo de exegese foi embasada nas orientações de Gusso (2005, p.211): delimitação do texto de interesse, análise gramatical de cada palavra do texto grego, tradução do texto grego, verificação dos textos variantes, análise comparativa entre versões, análise histórica, análise do contexto geográfico, análise do contexto literário, análise teológica, análise do significado de frases importantes, acerto de tradução, comentário explicativo e uma breve aplicação da mensagem central do texto para a atualidade.

Importa salientar que ainda que se tratando de um trabalho acadêmico, o estudo da Bíblia visa compreender o que é a ressurreição dos mortos, como isso ocorre, o que está implícito ao cristão que crê nessa doutrina e o que se espera dessa pessoa. Procura-se, ainda compreender como esse ensino se aplica de forma relevante no século XXI, levando à reflexão sobre a práxis cristã, liturgia de culto e forma de evangelismo.

Como o objetivo de uma melhor compreensão sobre a proposta da perícopa, foi necessário delimitar o texto. Entende-se que não é uma tarefa fácil identificar qual o início e o final do capítulo, tendo em vista que os escritos originais não tinham divisões em capítulos e nem subdivisões em versículos em sua estrutura, e que maior parte dos títulos encontrados hoje são inclusões de tradutores. Para essa delimitação, Gusso (2005, p.211) aponta três elementos gerais, são eles: “1 – indicadores de um início; 2 – indicadores de término; 3 – indícios que aparecem no texto” com base nisso o texto escolhido foi 1 Coríntios 15.50-58.

2. ELEMENTOS CONTEXTUAIS

A antiga cidade de Corinto era um ponto de parada na rota de Roma para o Oriente, uma rota de comércio que foi totalmente destruída pelo romano Lúcio Mumio Acaico, em 146 a. C., sendo completamente reconstruída pelos romanos em 46 a. C., cem anos depois, por Júlio Cesar e rapidamente reconquistou sua grandeza anterior. Era uma colônia romana, mas a cidade atraiu populações de várias etnias como: gregos, latinos, sírios, asiáticos, judeus, egípcios, que se estabeleceram na nova Corinto. Era uma cidade populosa, pelo comércio passar por ali, era próspera materialmente, era a capital da província romana da Acaia.

Corinto era reconhecida por tudo que fosse depravação, devassidão e dissolução. Era uma cidade muito cosmopolita, uma capital intelectualmente ativa, materialmente próspera, uma cidade importante, seus moradores realizavam práticas corruptas, acredita-se ser, por isso, que Paulo decidiu pregar ali.

Outro motivo que pode ter influenciado o apóstolo a pregar ali pode ter sido a grande alteração na população da cidade, por ser uma cidade voltada ao comércio, sua população era flutuante, também por

esse motivo, o evangelho sendo pregado ali a oportunidade de ser transmitido para mais lugares era muito grande. (CARSON, et.al, 1997, p. 12).

Um olhar ao mapa antigo da Grécia nos mostrará que Corinto foi feita para ser grande. Tal localização fazia inevitavelmente que a cidade fora um dos maiores centros comerciais do mundo antigo. Todo o comércio do Norte e do Sul da Grécia devia passar por ela, não havia nenhum outro caminho.

Sobre o istmo havia uma colina chamada Acrópolis, e sobre ela estava o grande templo de Afrodite, a deusa do amor. A ele pertenciam mil sacerdotisas que eram prostitutas sagradas, e que ao entardecer desciam do Acrópole e se ofereciam nas ruas de Corinto. Além destes pecados mais ásperos, floresciam em Corinto muitos outros vícios em que para região era normal, que tinham chegado com os comerciantes e os marinheiros de todas as partes do mundo, até que Corinto não foi somente sinônimo de riqueza e luxo, de alcoolismo e corrupção, mas também de todo tipo de imundícies.

Para aumentar o grande fluxo dos visitantes em Corinto, a cidade era a sede dos Jogos ístmicos, que ocupavam no mundo antigo o segundo lugar depois dos Olímpicos. Era uma cidade rica e populosa com um dos maiores centros comerciais do mundo antigo.

A primeira carta aos Coríntios é uma verdadeira “carta”, que aborda as condições e aflições concretas dessa igreja específica. Por isso Paulo não traz como a carta aos Romanos, um tema predominante, não investe como a carta aos Gálatas, ardorosamente contra uma deturpação do próprio evangelho por meio de uma nova instituição da “lei”, e não versa sobre questões isoladas da doutrina cristã como as cartas aos Efésios, aos Colossenses e a segunda carta aos Tessalonicenses.

Até mesmo em 1Co 15 Paulo não se defronta com uma certa heresia na questão da ressurreição, mas com uma indisposição resultante da atitude geral dos coríntios, de não crer de fato na mensagem da ressurreição e levá-la a sério em todas as suas conseqüências. Essa igreja vive na expectativa da realidade nova e totalmente diferente, que já irrompeu pela ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos e que alcançará a

vitória impregnada em tudo na parusia do Senhor (1 Co 15). Pelo fato do amor estar em jogo em toda a carta, é pronunciado no final, depois de comunicações e exortações específicas, o “anátema” (a “maldição”) sobre aqueles que não amam o Senhor Jesus (1Co 16).

É preciso mencionar que ele era um judeu da Dispersão, nascido em Tarso da Cilícia, que tinha uma representatividade na sociedade da época. Em sua infância Paulo conviveu sob forte influência da cultura grega, pois a região onde vivia era muito forte na educação e no comércio. Mais tarde em seus relatos bíblicos percebemos que sua profissão era artesão, especialmente fabricante de tenda.

Alguns estudiosos afirmam que Paulo era solteiro o que pode não ser verdade uma vez que ele era, como mencionado anteriormente, herdeiro do farisaísmo e como seguidor fiel faz-se necessário ser casado para frequentar as sinagogas. Até atingir sua adolescência pode-se ter a ideia de que ele teve uma vida bastante comum sendo que logo foi para Jerusalém ser educado por Gamaliel.

Suas cartas são escritas diante do contexto de que ele passava muito tempo no treinamento verbal de seus convertidos, trabalhando a hipótese que os ensinamentos tradicionais da Igreja primitiva eram de seus conhecimentos. Como encontramos no texto de Schnelle: “Reconhecer a condição histórica do sujeito cognitivo exige uma reflexão sobre seu papel no processo cognitivo, pois o sujeito não está acima da história, mas inteiramente emaranhado nela”. (2010, p. 22)

3. APLICAÇÃO DO TEXTO PARA A REALIDADE DA IGREJA DOS DIAS ATUAIS

Como em todos os textos bíblicos é preciso buscar sua aplicação para os dias que vivemos, qual a realidade social e o contexto atual. Para sermos encontrados aprovados diante de Cristo todos os dias, devemos estar ligados Nele, que é a fonte da nossa esperança. Como vivemos em um país laico, o Brasil, onde nenhuma religião é considerada nacionalmente como a única que deve ser seguida, podemos expressar nossa fé livremente e agir como Paulo nos fala:

Porque, sendo livre para com todos, fiz-me servo de todos para ganhar ainda mais. E fiz-me como judeu para os judeus, para ganhar os judeus; para os que estão debaixo da lei, como se estivesse debaixo da lei, para ganhar os que estão debaixo da lei. Para os que estão sem lei, como se estivesse sem lei (não estando sem lei para com Deus, mas debaixo da lei de Cristo), para ganhar os que estão sem lei. Fiz-me como fraco para os fracos, para ganhar os fracos. Fiz-me tudo para todos, para por todos os meios chegar a salvar alguns. E eu faço isto por causa do evangelho, para ser também participante dele. (1 Coríntios 9.19-23).

A compreensão adequada da esperança futura da ressurreição que nos é concedida em Jesus conduz diretamente e de modo surpreendente a uma visão da esperança presente, que constitui a base de toda missão cristã. É essa esperança futura que nos faz ansiar por um futuro melhor nesse mundo para os pobres, doentes, solitários e deprimidos, para os escravos, os refugiados, os famintos e desabrigados, para as viúvas, órfãos e estrangeiros, para os homens, mulheres e crianças, ou seja, para o mundo todo.

Isso não é um bônus extra do que teremos no céu, algo acrescentado posteriormente ao evangelho. “Diante do magnífico futuro a igreja não tentará apenas realizar

penosamente uma ou outra coisa, mas transbordará no incansável engajamento de corações ardentes pela grande causa de Deus em todo o mundo”. (BOOR, 2004, p. 140).

Trabalhar por essa esperança surpreendente do futuro de Deus para o presente, não é desviar a atenção da obra missionária ou do evangelismo, muito pelo contrário, é o próprio cerne da parte vital e estimulante do evangelismo. As pessoas seguiam e prestavam atenção em Jesus principalmente porque viam o que estava fazendo, elas viam Jesus salvando pessoas da doença e da morte.

Elas viam Jesus entre elas, acessível às suas necessidades, como a mulher do fluxo de sangue que viu Jesus passar e teve fé e acreditou que se só tocasse nele seria curada e assim aconteceu (Mc 5.25-34) assim também como o cego sentado na beira do caminho de Jericó que ouviu uma multidão e perguntou quem estava ali e lhe disseram que era Jesus e ele começou a gritar pela misericórdia de Jesus, e o Mestre parou, falou com ele e o curou (Lc 18.35-43). Esses são dois exemplos de situações que Jesus parou tudo o que estava fazendo para atender alguém que precisava Dele, são esses e todos os outros

exemplos que Jesus nos deixou que devemos seguir e praticar todos os dias da nossa caminhada cristã.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dois aspectos importantes se destacam no desenvolvimento de 1 Coríntios 15, o primeiro é desenvolvido através da premissa de que carne e sangue não podem herdar o Reino de Deus, o que indica que para experimentar a plenitude do Reino de Deus a existência mortal do homem deve ser transformada em uma existência imortal, porém isso não vem do ser humano, é obra de Deus. O segundo aspecto introduz o tema da derrota definitiva da morte, e esta vitória acontecerá no futuro por ocasião da parúsia, mas os cristãos já podem experimentar os benefícios dessa vitória, que foi assegurada pela vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo.

Jesus parava seus afazeres, sua viagem e sua rotina para atender as necessidades dos outros, muitas vezes o mestre nem conhecia as pessoas e parava para ajudá-las. Na verdade, Ele sabia de tudo, Ele amava, olhava, tocava, amava, curava e trazia esperança às pessoas que já as haviam perdido. Trabalhar por

essa esperança surpreendente do futuro de Deus para o presente, não é desviar a atenção da obra missionária ou do evangelismo, é o próprio núcleo vital e estimulante do evangelismo. Jesus nos deixou vários exemplos que devemos seguir e praticar todos os dias da nossa caminhada cristã.

Sendo assim, o papel do cristão é viver no presente os maravilhosos sinais do novo mundo, como disse Paulo, dedicando a vida ao Senhor, e essa obra está fundamentada em viver a aliança conquistada com a morte na cruz e a ressurreição de Jesus.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA. **Bíblia Nova Versão Internacional**. São Paulo: Editora Vida, 2003.

BOOR, W. de. **Carta aos Coríntios**. Curitiba: Esperança, 2004, p.140.

CARSON, D. A.; MOO, D. J.; MORRIS, L. **Introdução ao Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1997.

GUSSO, A. R. **Gramática Instrumental do Hebraico**. São Paulo: Vida Nova, 2005. p. 211.

MOODY, D. L. **Comentário Bíblico Novo Testamento**. São Paulo: Editora Batista Regular, 2010. p. 372.

MORRIS, L. **1 Coríntios: introdução e comentário**. São Paulo: Mundo Cristão, 1986. p. 22.

SCHNELLE, U. Paulo: **Vida e pensamento**. São Paulo: Editora Paulus. 2010, p.22.

WIERSBE, W. W. **Comentário Expositivo Novo Testamento**. Santo André: Editora Geográfica, 2007. p. 742.

DOSSIÊ 2

ESCATOLOGIA CRISTÃ: A DOCTRINA DAS ÚLTIMAS COISAS NO PENSAMENTO DE JOÃO CALVINO

Ivan Santos RUPPELL Jr*

RESUMO: O tema da Escatologia ou Doutrina das Últimas Coisas tornou-se um conteúdo essencial do pensamento protestante, posto que sempre foi um dos assuntos que suscitou mais dúvidas e proposições na história da Teologia Cristã. O teólogo João Calvino analisou o tema com a disciplina interpretativa e a sobriedade analítica que fizeram dele o maior comentarista bíblico da Reforma, razão pela qual suas reflexões irão tanto surpreender aos leitores curiosos da Escatologia, quanto ensinarão eficazmente a essência bíblica a respeito deste assunto primordial. O Pensamento de João Calvino acerca das Últimas Coisas é que estas se resumem e realizam-se numa só realidade: a Ressurreição dos cristãos para experimentar a plenitude da vida humana na Presença do Deus único: Pai, Filho e Espírito Santo.

PALAVRAS-CHAVE: Ressurreição; União com Deus; Eternidade; Comunhão; Últimas Coisas; Escatologia Cristã.

* Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Presbiteriana Mackenzie; Graduado em Teologia pela Faculdade Batista do Paraná; Advogado e Pastor Presbiteriano (IPB); Email: ruppelljr@gmail.com

INTRODUÇÃO

O pensamento do reformador protestante João Calvino acerca da Escatologia Cristã conforme exposto em três capítulos do Livro III de sua obra magna “As Institutas da Religião Cristã,” tanto corrobora a técnica interpretativa que ele considera um valor fundamental de análise das Escrituras, como mantém a coerência com que buscou apresentar o conhecimento do Cristianismo em todos os seus comentários:

“Quanto ao estado entre a morte e a ressurreição, não nos é lícito, e nem útil, inquirir curiosamente [...] É loucura e temeridade perscrutar além daquilo que Deus nos permite saber... Contentemo-nos com os limites que Deus nos impôs [...]” (III, 25, 6, Institutas)

Na mesma perspectiva se posicionaram Lutero e Zuínglio, pois ambos afirmavam o perigo de se realizar interpretações fantasiosas e se declarar afirmações não ditas nas Escrituras: uma virtude protestante da leitura das Escrituras que merecia especial cuidado no que se refere ao entendimento do livro do Apocalipse, repleto de figuras e imagens oriundas da literatura apocalíptica bíblica encontrada nos livros dos Profetas Ezequiel, Daniel e Zacarias, com suas visões plenas de

elementos simbólicos. “Calvino repete à exaustão que a felicidade eterna é ensinada pela Escritura a partir de imagens tomadas de nosso mundo terreno, que, naturalmente, não constituem a realidade.” (Strohl, 2004, p 163).

A partir desta hermenêutica bíblica, o pensamento protestante se definiu por uma Escatologia neotestamentária em duas visões complementares: havia tanto a espera pela vinda completa do Reino de Deus ao mundo, como também, a certeza de que a união com Cristo significava a comunhão eterna dos cristãos junto ao Deus único: Pai, Filho e Espírito Santo.

Lutero se sentia tão digno por tão-somente servir ao Senhor, que afirmava que somente por este motivo já viveria para segui-lo, independentemente do que lhe sobreviesse no futuro. Zuínglio, igualmente, celebra sua alegria em servir a Deus, e aproveita para declarar a certeza de uma vitória final do Senhor na chegada do reino do Messias. Já para o autor das Institutas, “mais que outros reformadores, Calvino insiste na escatologia individual.” (Strohl, 2004, p.161). De fato, a escatologia calvinista afirma uma experiência gloriosa do fiel

cristão no paraíso a partir da ressurreição, a qual inaugura a plenitude da “comunhão do crente” com Deus!

“Se Deus... possui em si a plenitude de todo o bem, é a ele que se devem voltar os que buscam o bem supremo... Todos os bens imagináveis estarão incluídos na graça de nossa comunhão com o Senhor” (III, 25, 10).

Calvino se serve dos clássicos no entendimento de que a Graça Comum dava aos homens um discernimento estrutural dos conhecimentos de Deus e, neste sentido, cita Platão, que afirmou ser a união com Deus a maior grandeza oferecida aos homens. Ainda que Platão não a tivesse conhecido, bem esclarece João Calvino.

E para os cristãos, bem, a essência do que os aguarda na eternidade será a completude do que desde agora já experimentam; nada mais, nada menos, que sua comunhão pessoal com Deus na Pessoa do Espírito Santo.

Portanto, a Escatologia Cristã toma forma no pensamento de João Calvino exatamente a partir do reconhecimento da comunhão com Deus que a ressurreição irá propiciar ao cristão pela eternidade. E já que os cristãos

experimentam desde agora as primícias desta bênção maior dos homens, é este o tema que se deve investigar acerca dos últimos dias.

A Escatologia Cristã, segundo o pensamento de João Calvino, é a própria Ressurreição do cristão! Um conhecimento teológico que o reformador desenvolve valorando mais a vida futura do que a presente época. Pois é na vida eterna que receberemos os cuidados integrais do Senhor, pelos quais iremos superar as dores atuais da existência, já que somente após a Ressurreição é que iremos experimentar em plenitude a Personalidade completa de nosso Deus Pai, Filho e Espírito Santo. Observemos a seguir a argumentação destes princípios, conforme ensinados nas “Institutas” da Religião Cristã.

1. QUANTO À MEDITAÇÃO DA VIDA FUTURA

Calvino esclarece que a Soberania de Deus governa completamente a história dos homens, um entendimento que requer ser observado se desejamos adquirir bom conhecimento acerca das doutrinas da Fé Cristã. Pois há uma ação constante de Deus sobre a terra para que diante do brilho que a vida

presente exerce sobre a humanidade, nossa raça igualmente possa enxergar a realidade da vida futura dos homens.

Pois Deus sabe que nossa natureza corre ansiosa atrás das sensações da vida atual e passageira, um movimento que ocorre em detrimento das aspirações da vida futura e eterna. “Certamente que nenhum de nós há que não aspire à imortalidade [...] mas, com efeito, se examinares os planos, os esforços, os feitos de cada um, outra coisa aí não verás senão terra.” (CALVINO, 2006, p.184)

Calvino adverte que a mente humana fica facilmente deslumbrada pelas emoções do orgulho e nosso coração rapidamente se ocupa das sensações da vaidade, o que nos faz assumir as felicidades da Terra como as conquistas maiores da existência.

Daí a necessidade de que haja um firme governo de Deus na história pela sua Providência, movendo dificuldades e perdas, desilusões e insatisfações em todos os lugares e relações, épocas e atividades do cotidiano terreno dos homens a fim de que a mortalidade e fragilidade da vida presente se tornem tão reais quanto verdadeiramente o são. “Ora, se Deus

tem necessariamente de instruir-nos, de nossa parte temos o dever de dar-lhe ouvidos enquanto nos chama e nos sacode o desânimo, para que, desprezado o mundo, nos apliquemos, de todo o coração, à meditação sobre a vida futura.” (CALVINO, 2006, p.186).

Isto não significa que não haja muito para viver e agradecer a Deus pela existência humana no mundo. “Portanto, uma vez que esta vida nos serve para compreender a bondade de Deus, porventura a desdenharemos como se não contivesse nenhuma migalha de bem?” (CALVINO, 2006, p 186).

Importa recordar que o raciocínio de Calvino tem o bom propósito de oferecer eficaz entendimento ao tema de sua meditação: a “vida futura” dos cristãos. Portanto, seus argumentos não desejam desprezar bênçãos da vida atual e muito menos a Providência bondosa de Deus para os nossos dias. Neste sentido, faz-se necessário compreender o real valor desta época da história, a fim de que alcancemos o conhecimento devido da vida eterna da humanidade que sobrevirá nos últimos dias.

“Não há por que temer a morte; ao contrário, ante a glória da vida futura, ela deve ser acolhida com vívida expectativa, em vista da redenção que nos aguarda.” (CALVINO, 2006, p.188). Calvino movimentava sensações profundas na alma dos cristãos ao advertir que o pavor da morte não deveria estar junto daquela sensação de extrema alegria que certamente hão de experimentar todos que são chamados para viver na Presença de Deus.

“No entanto, se ponderará que nada há que não almeje continuar a existir. Estou de pleno acordo, e por isso contendo que nos é necessário atentar para a imortalidade futura, onde se depare condição estabilizada que na terra jamais se evidencia. Ora, Paulo ensina, com muito acerto, que os fiéis avançam jubilosamente para a morte, não porque queiram ser desvestidos, mas porque desejam ser revestidos (2 Co 5. 2,3).” (CALVINO, 2006, p.189)

2. RECOMPENSAS E GALARDÃO

Um assunto recorrente entre os cristãos se encontra no capítulo XVII, onde Calvino argumenta acerca das Promessas da Lei e do Evangelho, ali, desenvolvendo o tema das recompensas de Deus aos fiéis, ou seja, o Galardão das Boas

Obras, Calvino recupera o ensino da Parábola dos Trabalhadores na Vinha (Mt 20. 1-10), esclarecendo que não existe um galardão devido ao cristão por suas obras em momento algum da caminhada dos homens com Deus; afinal, o que ali se recebe não são bens, mas sim, dádivas da graça: “Portanto, não pensemos que o Espírito Santo, com promessa desta natureza esteja enaltecendo a dignidade de nossas obras, como se elas merecessem tal recompensa.” (CALVINO, 2006, p. 293).

Pois a essência da recompensa de Deus para a humanidade ocorre na adoção dos homens de fé para que se tornem seus filhos. É este o momento em que tanto recebem a Vida Eterna junto ao Altíssimo como, igualmente, são libertos da condenação do existir separados dele para sempre.

A partir disso, compreende-se que a verdadeira recompensa e galardão do cristão são os próprios cuidados e benesses eternas que a Presença de Deus lhes propiciará na vida celestial:

“Por essa razão, nada impede que à vida eterna, segundo o exemplo da Escritura (2Co 6.13; Hb 10.35; 11.26), chamemos recompensa, porque

nela o Senhor afasta aos seus dos labores ao descanso, da aflição a um estado próspero e desejável, da tristeza à alegria, da pobreza à afluência, da ignomínia à glória, enfim, todos os males que têm sofrido ele converta em bens maiores." (CALVINO, 2006, p 294).

Eis porque a própria santidade temporal do cristão se torna um caminho para adquirir as recompensas futuras do Senhor, posto que Deus irá glorificar amanhã aos que hoje santifica (Rm 8.30), em sua presença.

Calvino esclarece que, assim como não temos obras para oferecer a Deus para que sejamos salvos, igualmente não há obras que possamos praticar pelas quais venhamos a ser merecidamente condecorados. No entanto, há boas obras para os cristãos praticarem, sim, e da vivência destas é que originam algumas benditas recompensas que iremos usufruir na Vida Eterna.

Nesta compreensão, veja como tanto as riquezas que iremos partilhar na vida futura, como igualmente as recompensas que lá iremos receber, manifestam-se em nossa personalidade a partir da experiência relacional de submissão e

serviço diante de Deus que a Fé Cristã nos convoca a vivenciar desde agora.

Um entendimento que vêm esclarecer o melhor conhecimento calvinista acerca da Escatologia: que se cristaliza tanto na experiência da ressurreição quanto na consequente comunhão eterna dos homens com Deus. A partir daí, para João Calvino, há realmente pouco mais que se faz necessário saber, ou experimentar.

3. DA RESSURREIÇÃO FINAL

Calvino analisou objetivamente o tema da Escatologia no Livro III das Institutas, em seu Capítulo XXV: Da Ressurreição Final. Sendo que o essencial acerca da doutrina das Últimas Coisas está exposto no próprio título do segundo tópico, o qual resume e potencializa a teologia escatológica calvinista: “O Sumo Bem, nosso e de toda a Criação, reside na União com Deus, pelo que a Redenção final, a culminar na Ressurreição, é a grande Aspiração de nosso Viver.” (CALVINO, 2006, p 447).

Calvino aprofunda o valor da ressurreição ao recordar que todo bom combate cristão nos dias atuais deve sempre

vislumbrar esta experiência, que é a própria essência da fé: “(a) razão porque Paulo diz que “a fé e o amor dos piedosos atentam para a esperança que está posta nos céus”, é a que mesmo quando vivendo em graves dificuldades sua existência na Terra, dirão: “nosso coração está onde está nosso tesouro” (Mt 6.21).” (CALVINO, 2006, p.446).

A didática calvinista sempre buscou anunciar as verdades das Escrituras ao mesmo tempo em que indicava os erros dos homens acerca dos temas analisados. Eis o motivo pelo qual ao tratar da ressurreição dos homens, Calvino recorda que tal experiência irá ocorrer pelo “ressurgir” de nossos próprios corpos terrenos, em glória: conforme Paulo: “Se os mortos não ressuscitam, tampouco Cristo ressuscitou” (1Co 15.13). Pois, para o reformador, a experiência de Cristo irá alcançar plenamente o povo da fé: “(eis) que se começou no Cabeça o que é necessário que se cumpra em todos os membros, segundo o grau e a ordem de cada um.” (CALVINO, 2006, p. 449).

E acerca da questão crucial sobre “como” os nossos corpos enterrados em pó na terra poderão um dia ressurgir,

Calvino pronuncia um princípio essencial das Obras de Deus no Universo: “(algo que) não seria tão difícil de crer, se prestássemos atenção como deveríamos a tantos milagres como se oferecem a nossos olhos em todas as partes do mundo.” (CALVINO, 2006, p.451).

O reformador enumera exemplos do poder com que Deus age na história a fim de cumprir seus desígnios, recordando que a própria incredulidade dos judeus de que Deus iria fazê-los regressar do exílio, gerou o ensino do Profeta a partir de uma visão dos ossos secos. Pois ali mesmo, Deus ordenou que recebessem carne e nervos (Ez 37. 1-10).

“Posto que, sob essa figura, Deus eleva o povo à esperança do regresso, contudo, ele toma da ressurreição a base da espera, assim como ela nos é o modelo primordial de todos os livramentos que os fiéis experimentam neste mundo”. E de igual modo, ensina o Senhor Jesus: “Não vos admireis disto, porque vem a hora em que todos os que se acham nos túmulos ouvirão a voz do Filho de Deus e deles sairão”. (João 5.28). (CALVINO, 2006, p 452).

Calvino reconhece que o desejo de ocultar a realidade da ressurreição do cotidiano dos homens é uma estratégia de

Satanás, seja pelo pensamento dos filósofos e até mesmo dos saduceus – que negam a ressurreição do corpo, aos quais se unem aqueles que limitam o reinado de Cristo a mil anos.

“E, em verdade, a ficção desses é por demais infantil para que tenha necessidade de refutação ou seja ela digna. Tampouco Apocalipse lhes empresta suporte, do qual certamente tiraram pretexto para seu erro, quando do número milenário (Ap 20.4), pois não se trata da eterna bem-aventurança da Igreja, mas apenas de agitações várias que aguardavam a Igreja a militar na terra. Além disso, toda a Escritura proclama que jamais haverá fim para a bem-aventurança dos eleitos, nem para o suplício dos réprobos (Mt 25. 41, 46).” (CALVINO, 2006, p 453).

Para o reformador, tais enganos são capazes de afastar o fiel cristão daquele que é o conhecimento essencial da escatologia – a Ressurreição, o que requer a sua grave argumentação contrária: “Outros dois desvarios, além destes, foram introduzidos por homens indevidamente curiosos. Uns pensaram que as almas haverão de ressuscitar com os corpos, como se todo o homem perecesse ao morrer; outros, embora admitam que os espíritos são imortais, sustentam que eles

haverão de ser revestidos de novos corpos, com isso negando a ressurreição da carne.” (CALVINO, 2006, p 454).

A orientação para estes enganos surge pela constatação de que o corpo humano que se tornou o templo do Espírito de Deus no tempo presente jamais será desprezado, citando Paulo: “convém que o que é corruptível se revista de incorruptibilidade; e o que é mortal se revista da imortalidade” (1Co 15.53) (CALVINO, 2006, p.456). De igual modo, a continuidade da vida da alma após a morte se confirma tanto pela experiência do ladrão que na tarde da sexta-feira da paixão estaria com Jesus nos céus, quanto pelas palavras de Estevão, que prontamente entregavam as almas dos homens a Cristo assim que morriam na terra (At 7.59). E a estes argumentos, Calvino acrescenta as palavras do próprio Jesus: “Destruí este templo e em três dias o reerguerei” (Jo 2.19) (CALVINO, 2006, p.457).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Certamente que um dos temas mais atrativos acerca da Escatologia é a maneira e lugar pelos quais a vida acontece na

personalidade daqueles que chegam aos céus entre as datas históricas da Ressurreição e da Volta de Cristo. Porém, como em tantas outras de suas reflexões bíblicas, também aqui Calvino permaneceu fiel a seu conhecimento das Escrituras:

“Entretanto, questionar de seu estado intermediário, com demasiada curiosidade, não é lícito, nem convém. Muitos se atormentam em demasia, disputando que lugar ocupam as almas nesse estado e se porventura já desfrutam ou não da glória celestial. Com efeito, é estulto e temerário indagar de causas desconhecidas mais profundamente do que Deus nos permita saber. A Escritura não avança além de dizer que Cristo está presente com elas e as recebe no Paraíso, para que desfrutem de consolação, e que as almas dos réprobos sofrem tormentos segundo seu merecimento. Que douto ou mestre, agora, nos revelará o que Deus ocultou? Quanto ao lugar, a questão não é menos imprópria e fútil, quando sabemos que a alma não tem a dimensão que tem o corpo.” (CALVINO, 2006, p.455).

A partir daqui, Calvino recupera para seus leitores o ensino fundamental da Escatologia, que se torna o próprio título do item 10 do capítulo acerca da ressurreição: “O Sumo Bem, nosso e de toda a criação, reside na união com Deus, pelo que a Redenção final, a culminar na Ressurreição, é a grande

aspiração de nosso Viver.” (CALVINO, 2006, p.447). E prossegue argumentando sobre o conhecimento cristão que considera ser o mais valioso para os Últimos Dias:

“Ora, por mais que seja verdadeiro o que ouvimos, de que o reino de Deus haverá de ser cheio de esplendor, de alegria, de felicidade, de glória, no entanto, aquelas coisas que se enumeram, permanecem mui remotas de nosso senso e como que envoltas em obscuridade (...) Todavia, visto que, por outro lado, é necessário que nosso coração se inflame no amor e desejo dela, é preciso que nos detenhamos neste pensamento: se Deus contém em si a plenitude de tudo que é bom, como uma fonte inexaurível, nada devem buscar além dele os que lutam pelo sumo bem e por todos os elementos da felicidade, como somos ensinados em muitos lugares da Escritura: Diz o Senhor a Abraão: “Eu sou tua mui grande recompensa” (Gn 15.1), sentença que ecoa em Davi: “Minha porção é o Senhor: caiu-me a sorte excelentemente” (Sl 16. 5,6). De igual modo, em outro lugar: “Quedar-me-ei satisfeito com a visão de teu rosto” (Sl 17.15). De fato, Pedro declara que os fiéis foram chamados para isto: para que sejam feitos participantes da própria natureza divina (2Pe 1.4)”. (CALVINO, 2006, p. 461).

Eis que esta declaração do Apóstolo Pedro oferece a João Calvino a oportunidade de retomar seu pensamento essencial

acerca da Escatologia cristã e suas benesses vivenciais ao povo de Deus. E o que Calvino observa bem poderia ser o conteúdo existencial das palavras de Jesus aos discípulos, quando lhes afirma: “Já não os chamo de servos, agora vocês são meus amigos, pois eu lhes disse tudo o que meu Pai me disse.” (João 15.15).

Isto porque o ensino de Calvino esclarece que o galardão do cristão é a própria herança fundamental dos fiéis: sua adoção como filhos de Deus! Uma adoção que serve para partilhar da própria Personalidade existencial de Deus, a qual vivenciamos desde agora pelos dons do Espírito Santo, que nos permitem usufruir virtudes da vida do Senhor. Bênçãos que são para todos os cristãos, e especialmente, para aqueles que serão recompensados nos céus, como os Doze Apóstolos que se assentarão nos tronos diante das doze tribos. Numa governança que os fará reinar junto de Cristo exatamente para realizar a boa administração dos dons que se originam da própria Pessoa de Deus que se move na vida de seu povo.

Será o tempo final da excepcional comunhão entre Deus e os homens no Paraíso celeste, naquele que será o dia da

realização da Escatologia dos cristãos — a própria doutrina das Últimas Coisas do Cristianismo. Sim, a Escatologia cristã em João Calvino é tão somente a Ressurreição dos cristãos para existir na Presença de Deus!

REFERÊNCIAS

CALVINO, João. **As Institutas da Religião Cristã: edição especial**. São Paulo. Cultura Cristã, 2006.

STROHL, Henri. **O Pensamento da Reforma**. São Paulo: ASTE, 2 Ed. 2004.

DOSSIÊ 3

**ANTICRISTO: UMA INFLUÊNCIA OU PESSOA?
APONTAMENTOS SOBRE SUA IDENTIDADE**

Luciano Azambuja BETIM*

RESUMO: Entre os assuntos de destaque na escatologia cristã, surge a figura do anticristo. Neste artigo propomos alguns apontamentos teológicos sobre sua identidade. Anticristo, uma influência ou uma pessoa? Na perspectiva da escatologia protestante, conforme aponta pesquisa bibliográfica, várias são as possíveis respostas: um princípio do mal; o mal como uma instituição; e por fim o mal como uma pessoa personificada.

PALAVRAS-CHAVE: Anticristo; Escatologia; Instituição do mal; Pessoa.

* Mestrando em Teologia pela PUC-PR; Pós-graduado em Teologia do Novo Testamento pela FABAPAR; Graduado em Teologia pela FEPAR; Pastor Presbiteriano (IPB); Email: lucianobetim@outlook.com.br

INTRODUÇÃO

De modo geral o ser humano mantém um interesse pelos eventos futuros e seus mistérios. Em teologia esses assuntos fazem parte daquilo que é denominado de “escatologia”. Millard Erickson (2011, p.67) define escatologia como o “estudo das últimas coisas ou do futuro de modo geral”. Trata-se, então, do estudo do que acontecerá na consumação, mais especificamente a respeito da vinda de Jesus (YOUNGBLOOD, 2004, p.484). Envolve não somente a pessoa, mas também a igreja, ou seja, escatologia pessoal e a escatologia geral.

Dentre os variados temas do pensamento escatológico, principalmente no Novo Testamento, emerge a figura do anticristo. Desde o início do cristianismo se tem debatido sobre sua identidade. Anticristo, quem é ele? Uma influência do mal? O mal como uma instituição? Ou uma pessoa com uma identidade específica? Juntamente com essas questões surgem outros assuntos, com destaque para as atividades do anticristo em seu tempo de ação.

Considerando o exposto acima, este artigo tem como objetivo geral fazer um breve apontamento da figura do

anticristo na escatologia cristã, conforme a visão do protestantismo histórico. Entre os objetivos específicos buscaremos entender o sentido do termo “anticristo”, bem como listar as principais interpretações de sua identidade. Os resultados da pesquisa apontam o anticristo como uma influência do mal, agindo por meio de instituições, vindo ser finalmente personificado numa pessoa no final dos tempos.

Como procedimento metodológico utilizaremos a revisão de literatura, por meio de autores originários da tradição da tradição protestante histórica. Inicialmente abordaremos o termo anticristo, buscando entender seu significado. A seguir, recorreremos a uma do anticristo como um princípio do mal. Também analisaremos a influência do anticristo agindo por meio do mal institucionalizado. E, em último lugar, o anticristo como uma encarnação do mal agindo por meio de uma pessoa específica no final dos tempos.

1. PASSAGENS BÍBLICAS E SENTIDO DO TERMO “ANTICRISTO”

Várias referências são encontradas nas Sagradas Escrituras sobre à ideia de um “anticristo” ou vários “anticristos”. Entretanto, a palavra “anticristo” ocorre apenas em 1 João 2.18,22; 4.3 e 2 João 7. Essa última referência diz: “De fato, muitos enganadores têm saído pelo mundo, os quais não confessam que Jesus Cristo veio em corpo. Tal é o enganador e o anticristo” (2Jo 1.7 - NVI). O texto aponta algumas características do anticristo.

Contudo, há vários outros textos falando do anticristo:

Elas começam com a “semente” da serpente (Gn 3.15) e terminam com a “besta” (Ap 20.10). As mais importantes são o “pequeno chifre (ou ponta)” no quarto animal de Daniel 7.7ss; o “príncipe que há de vir” (Dn 9.26); o “assolador” (Dn 9.27); o rei que fará conforme a sua vontade de Daniel 11.36-39; o “homem do pecado” e o “filho da perdição” como também o “iníquo” (2 Ts 2.3,8); e a “besta” (Ap 11.7; 13.2ss). Jesus referiu-se ao Anticristo como alguém que estabelecerá um ídolo no Templo de Deus, nos dias que antecedem sua segunda vinda (Mt 24.15) [...] (CULVER, 2006, p.141).

Antes de qualquer tentativa de se descobrir a identificação do anticristo, é preciso olhar o sentido do termo. O significado da palavra grega *antichristos* aponta para aquele que é contra Cristo ou se coloca no lugar de Cristo, assumindo então tanto oposição quanto forma exterior (VINE et al., 2002, p.401). A ideia de oposição a Cristo tem ocorrido com frequência na história, por meio de personagens que argumentam ser o próprio Cristo.

Além da definição baseada no termo grego, é interessante olhar através da perspectiva teológica. Para Erickson (2011, p.15) se trata daquele “opponente e impostor de Cristo [...] parece ser um espírito presente por toda a era da igreja [...]”. Uma outra definição entende se tratar do arquiopponente de Deus e do seu Ungido, agindo contra e em lugar (HUBBARD, 2009, p.81). Nesse último apontamento, a oposição é tanto quanto a Deus quanto ao Filho.

De modo que, conforme indicam as citações acima, tanto o significado do termo grego quanto as definições teológicas apontam para duas coisas: oposição e identidade. Oposição, no sentido de se colocar no lugar do verdadeiro Cristo, e uso falso

de identidade, assumindo a falsa ideia da encarnação de Jesus Cristo. Os capítulos seguintes lidam com a questão da identificação do anticristo, seja ele uma força ou uma pessoa.

2. ANTICRISTO COMO UM PRINCÍPIO DO MAL

Na história da Igreja, várias foram as tentativas de se entender o conceito teológico ou identidade do Anticristo. Por exemplo, Robert Culver indica pelo menos três possibilidades: o anticristo como um princípio do mal; o anticristo como instituição do mal; o anticristo como uma pessoa do mal (2006, p.141). É possível um fundo de verdade nas três formas de entendimento, não sendo desse modo aconselhável um posicionamento dogmático.

Em primeiro lugar o entendimento do anticristo como um princípio do mal. De acordo com essa corrente, trata-se de uma certa personificação do mal, porém não temporal, alguma coisa ligada com as forças do mal oriundas de Satanás em oposição a forças do bem em Cristo (HUBBARD, 2009, p.84). Esse parece ser aquele dito por João: “Filhinhos, esta é a última

hora; e, assim como vocês ouvirem que o anticristo está vindo, já agora muitos anticristos têm surgido (1Jo 2.18 – NVI).

Ao comentar esse texto, escreve um biblista:

É sabido que o fim dos tempos seria anunciado pela aparição do anticristo; mas, diz João, seu espírito já está em circulação no mundo. Esses falsos mestres são seu povo e repartem seu espírito; eles são anticristos, e sua iniciação (ORR, 2009, p.2191).

Levando em consideração os textos e citações dessa linha de pensamento, o anticristo está mais relacionado com a influência de Satanás sobre diversas pessoas. Isso ocorre principalmente por meio dos falsos mestres que rondam a igreja de Cristo.

Esse alcance da ação satânica, como um princípio do mal, se fez presente desde dos tempos de João, chegando até os dias atuais. O próprio Jesus alertou seu povo quando pronunciou: “Pois muitos virão em meu nome, dizendo: ‘Eu sou o Cristo!’ e enganarão a muitos” (Mt 24.5 – NVI).

3. ANTICRISTO COMO UMA INSTITUIÇÃO DO MAL

Uma segunda forma de interpretar a identidade do anticristo, entende que sua presença ou atuação se dá por meio de instituições que carregam em si elementos do mal. Para Culver (2006, p.141), o Império Romano, o papado, a religião Islâmica, foram entendidos por intérpretes da linha preterista na escatologia, como sinais do anticristo.

Na concepção de Smith Wilbur (2006, p.155), a escola preterista entende os eventos do Apocalipse como ocorrendo nos tempos em que foi escrito. Ou seja, olha para o tempo presente quando escrito, e passado do ponto de vista do leitor moderno.

Um olhar sobre Apocalipse 13 e 17.10-12 parece indicar o anticristo como instituição do mal:

Parece que João dá a subentender que a impiedade selvagem [...] incorporada num reino; a besta, embora tenha algumas características pessoais, é mais do que uma pessoa; suas sete cabeças são sete reis (Ap 17.10-12). A própria besta é um oitavo rei, que vem de um dentre os sete. Este quadro complicado sugere que a besta simboliza o poder mundano, O espírito contrário a Deus, de uma ambição nacionalista [...] (HUBBARD, 1999, p.83).

Nos tempos da Reforma esse debate se acentuou sob a Teologia de Lutero e Calvino. Na concepção dos reformadores, Roma como instituição papal era a personificação do anticristo, pensamento esse que foi rebatido por líderes católicos, invertendo a acusação, fazendo do protestantismo o anticristo (HUBBARD, 2009, p.84).

Segundo Berkhof, não há como identificar o Papado como o anticristo, embora admita que seja possível que hajam nele elementos do espírito do anticristo (2012, p.647). O fato é que o texto de 1 João 2.18 anunciava já nos tempos apostólicos que muitos anticristos haviam surgidos.

O conceito do anticristo como uma instituição do mal não se restringe apenas à escola de interpretação preterista, mas também é defendido por estudiosos de linha escatológica futurista, como aparece no comentário a seguir:

[...] Jerusalém tinha caído, e a Roma anticristã já estava fechando o cerco no seu combate mortal contra a igreja [...] Há períodos em que o fim chega evidentemente muito perto, mesmo que no passar do tempo a crise diminua e recue. Os períodos do surgimento do Islã, a Reforma, as Guerras

Napoleônicas e a época presente são exemplos de tempos carregados do destino (ORR, 2009, p.2192).

O Novo Testamento enfatiza a escalada do mal no mundo. Paulo argumenta: “O Espírito diz claramente que nos últimos tempos alguns abandonarão a fé e seguirão espíritos enganadores e doutrinas de demônios” (1Tm 4.1 – NVI). O povo de Deus deve manter essa consciência de que a situação vai se deteriorar cada vez mais, caminhando para uma grande apostasia causada, marca registrada da ação satânica (NUTE, 2009, p.2056). O aumento constante da maldade se dá pela ação do espírito do anticristo agindo através do mal institucionalizado.

4. ANTICRISTO COMO UMA PESSOA

A terceira forma interpretativa, na busca pela identificação do anticristo entende se tratar de uma pessoa do mal, com uma identidade específica. Jesus já havia advertido, em seu discurso escatológico, sobre a vinda dos falsos Cristos (Mt 24.5). É fato que nos primeiros anos do cristianismo não

ocorreram todos os sinais apontados por Jesus, entretanto apareceu o primeiro personagem o qual se intitulou de anticristo, conhecido historicamente como Bar Cochba (ELLISON, 2009, p.1589). Embora revolucionário, não foi um personagem de muito sucesso em sua empreitada messiânica.

Nas cartas do Novo Testamento, especialmente nas paulinas, o anticristo é denominado de “[...] o homem do pecado, o filho da perdição” (2Ts 2.3 – NVI). Quem seria esse personagem? Entre os possíveis candidatos no decorrer da história, aparecem nomes como Maomé, Napoleão, Mussolini e outros (CULVER, 2006, p.141). É uma tarefa difícil e um tanto quanto perigosa apontar um personagem específico.

O que fica claro no texto paulino é que se trata de uma pessoa que aparece no cenário bem próximo da segunda vinda de Jesus:

A verdade é que o mistério da iniquidade já está em ação, restando apenas que seja afastado aquele que agora o detém. Então será revelado o perverso, a quem o Senhor Jesus matará com o sopro de sua boca e destruirá pela manifestação de sua vinda. A vinda desse perverso é segundo a ação de Satanás, com todo o poder, com sinais e com maravilhas enganadoras (2Ts 2.7-9 – NVI).

O texto acima lança luz sobre a natureza dessa ação maligna e pessoal do anticristo. Culver (2006, p.141) observa que o bem e o mal crescem lado a lado no desenrolar da história, atingindo seu clímax na aparição do anticristo como pessoa, o qual se lança num conflito contra Cristo, pouco antes da segunda vinda. O contexto de 2 Tessalonicenses 2.1-10 indica um aumento exponencial do espírito anticristão, meio até mesmo de sinais e maravilhas, culminando no aparecimento da pessoa do anticristo.

Alguns grandes eventos precedem a *parúsia*. Entre eles está aquilo que os estudiosos denominam de “a grande apostasia”, marcada por sinais operados pelo anticristo:

Paulo resume o “ministério” do anticristo, mais uma vez destacando os paralelos com o ministério do Senhor. Em primeiro lugar, ele ressalta o princípio por trás dele — o poder ativo (*energeia*) de Satanás.

Depois ele descreve os milagres que o acompanham. São usadas três palavras, todas aplicadas a Cristo em outros trechos [...]. Vindo em poder, esses milagres revelam força sobre-humana; com os sinais, ensinam algum a verdade; como maravilhas, assombram as pessoas, enganadoras: Essa palavra de forma alguma quer dizer que os milagres não sejam genuínos; antes,

significa “falsas”, pois o ensino dos sinais é a falsidade (COUSINS, 2009, p.2043).

Enfim, embora não seja possível determinar claramente a identidade do anticristo, como personagem pessoal futuro, alguns sinais servem de referencial. Fica bastante claro na escatologia do Novo Testamento, que se trata de uma pessoa, e não simplesmente uma influência ou instituição. Entretanto, um prenúncio de sua maldade e influência no decorrer da história já se faz visível: “De fato, muitos enganadores têm saído pelo mundo, os quais não confessam que Jesus Cristo veio em corpo. Tal é o enganador e o anticristo” (2Jo 1.7,8 – NVI).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Abordamos neste artigo o tema da escatologia cristã, principalmente aquele professo no protestantismo histórico. Emergiu dele a temática do anticristo, e suas múltiplas formas de entendimento. É certo que o mal sempre esteve acompanhando a caminhada do povo de Deus, seja por meio de influência ou por má institucionalização. O texto buscou

apontar, entretanto, aquela figura escatológica, ou seja, uma pessoa que se manifestará no final dos tempos.

Lembramos aqui o problema apresentado na introdução: Anticristo: uma influência do mal, uma instituição do mal ou uma pessoa com uma identidade específica? Fundamentados no uso de material teológico oriundo do protestantismo histórico, buscamos responder essas questões. As repostas indicam a possibilidade do anticristo como um princípio do mal agindo na história, bem como o mal atuando por meio das instituições. Contudo, sua operação final e completa ocorrerá ainda no final dos tempos, agindo na totalidade de sua maldade por meio de um personagem específico.

Difícilmente haverá a possibilidade de uma identificação exata da identidade desse futuro anticristo. Como exposto na pesquisa, tentativas foram feitas no decorrer dos séculos, vinculando esse personagem a pessoas como Maomé, Napoleão, Mussolini e outros. O fato é que haverá uma galgada do mal, culminado no aparecimento do homem da iniquidade, o filho da perdição. Isso não deve desanimar a comunidade do

povo de Deus, a qual anseia pelo retorno de seu Senhor e Salvador.

Considerando que a escatologia cristã carrega em seu bojo uma diversidade de outros assuntos, este artigo não teve a intenção de esgotar a matéria, muito menos explorar todos os elementos da teologia das últimas coisas. Restringimo-nos dentro do campo de estudo indicado nos objetivos. Incentivamos, diante disso, estudos em assuntos paralelos a este, como por exemplo os sinais do final dos tempos, a segunda vinda de Cristo, a ressurreição e juízo e as concepções milenaristas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BÍBLIA. Nova Versão Internacional (NVI). São Paulo: Editora Vida, 2007.

COUSINS, Peter E. 1 e 2 Tessalonicenses. In: BRUCE, F. F. **Comentário Bíblico NVI: Antigo e Novo Testamento.** São Paulo: Editora Vida, 2009.

CULVER, Robert D. Anticristo. In: PFEIFFER, Charles F. et al. **Dicionário Bíblico Wycliffe.** Rio de Janeiro: CPAD, 2006.

ELLISON, H. L. **Mateus**. In: BRUCE, F. F. **Comentário Bíblico NVI: Antigo e Novo Testamento**. São Paulo: Editora Vida, 2009.

ERICKSON, Millard. **Dicionário Popular de Teologia**. São Paulo: Mundo Cristão, 2011.

HUBBARD, David A. **Anticristo**. In: ELWELL, Walter A. **Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã, volume 1**. São Paulo: Vida Nova, 2009.

NUTE, Alan G. **Cartas Pastorais, 1, 2 Timóteo/Tito**. In: BRUCE, F. F. **Comentário Bíblico NVI: Antigo e Novo Testamento**. São Paulo: Editora Vida, 2009.

ORR, R. W. **1, 2 e 3 João**. In: BRUCE, F. F. **Comentário Bíblico NVI: Antigo e Novo Testamento**. São Paulo: Editora Vida, 2009.

SMITH, Wilbur M. **Livro do Apocalipse**. In: PFEIFFER, Charles F. et al. **Dicionário Bíblico Wycliffe**. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.

VINE, W. E.; UNGER, M. F.; WHITE, W. **Dicionário Vine: O significado Exegético e Expositivo das palavras do Antigo e do Novo Testamento**. Rio de Janeiro: CPAD, 2002.

YOUNGBLOOD, Ronald. **Dicionário ilustrado da Bíblia**. São Paulo: Vida Nova, 2004.

**A PERSPECTIVA PURITANA SOBRE A
DOCTRINA DAS ÚLTIMAS COISAS**

Maicon Ap. BARACHO*

RESUMO: Este artigo tem como objetivo contribuir com o saber teológico por meio da perspectiva escatológica puritana. Destacamos algumas das personalidades que contribuíram com seu desenvolvimento, levando em consideração os conflitos de ordem civil, eclesiástica e histórica enfrentados por eles, principalmente no período de sua migração da Inglaterra para o Novo Mundo. Diante disso, o presente texto tem como finalidade apresentar um estudo de ordem sistemática sobre o tema, de modo que o leitor possa se beneficiar ao compreender a forma que os puritanos enxergavam o assunto da escatologia.

PALAVRAS CHAVE: Puritanos; Puritanismo; Escatologia Otimista; Últimas Coisas.

* Mestrando em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR); Bacharel em Teologia pela UNIFIL; Pastor Sênior da Igreja Palavra da Vida em Curitiba, PR; email: maiconbaracho@gmail.com

INTRODUÇÃO

Os puritanos, pelo que se sabe, foram considerados e apresentados como gigantes sobre os quais precisamos subir nos ombros para melhor obter clareza e profundidade no tocante aos assuntos espirituais (PACKER, 2016, p.27). Em meio a conflitos e dissabores enfrentados por eles no Novo Mundo, mantiveram-se firmes tendo como base a visão de mundo e o ardente anseio de estabelecer sua perspectiva otimista que consistia em tornar a Nova Inglaterra em uma Cidade situada sobre um Monte, mesmo quando as situações e circunstâncias improváveis se mostravam como algo não favorável.

Ao averiguar o puritanismo e sua hermenêutica, que resultou na sua visão escatológica, percebe-se que ela fora grandemente influenciada pelos acontecimentos tumultuosos vividos entre os séculos XVI e XVII, algo que os levara a acreditar ser o período apontado pela Escritura como o tempo do fim. Essa visão que conforme veremos ao desenvolver desse artigo, fora a responsável por contribuir diretamente com excentricíssimo nos atos de alguns puritanos como o exemplo relatado do pregador e evangelista puritano John Eliot,

motivado por zelo e desejo de ver estabelecida a vitória contra os desvios políticos, eclesiais e teológicos do seu tempo, e acima de tudo o estabelecimento do reino de Deus (BEEKE, 2016, p. 1106).

Propõe-se, portanto por intermédio da presente, uma análise sobre o movimento Puritano e sua perspectiva escatológica como fora entendida por eles. Conhecer juntamente quais foram as contribuições que sua visão trouxe àqueles que em seu tempo estavam desejosos, ansiando não somente por reformar a Igreja da Inglaterra, mas participar ativamente dos acontecimentos que cooperavam para consumação de todo propósito divino em seu tempo.

1. A CIDADE SITUADA SOBRE UM MONTE: O OTIMISMO ESCATOLÓGICO PURITANO

Ao procurar melhor conhecer o posicionamento teológico defendido pelos puritanos acerca da doutrina dos últimos dias, pesquisadores identificam nela uma escatologia otimista, conforme apresentada por Joel. R. Beeke em sua mais

recente obra intitulada Teologia Puritana: doutrina para vida (BEEKE, 2016). De acordo com sua apresentação, foi o mesmo otimismo que os mantiveram resolutos e confiantes em meio a grandes conflitos vividos em sua época por acreditarem que tratavam do fim dos tempos (BEEKE, 2016, p.1089).

O Dr. Beeke (2016, p.1089) observa que esse otimismo escatológico pode ser testemunhado de forma mais precisa principalmente no período quando eles, em busca de refúgio por causas das perseguições, migraram da Inglaterra para o Novo Mundo. Beeke (2016, p.1089) continua explicando que mui esperançosos, os puritanos mantinham a crença que a reforma não era uma mera questão apenas de ordem eclesiástica. Entretanto, segundo os relatos do pesquisador, para eles a reforma era algo de maior abrangência e transcendia o campo religioso, estendendo-se à esfera civil, vindo a contribuir com o estabelecimento de uma sociedade puramente cristã (BEEKE, 2016, p.1089).

Então, com base nas informações obtidas através de pesquisadores como Joel Beeke e J. I. Packer, autoridades no assunto, que o puritanismo não tinha uma visão fragmentada e

dualística, levando-os a separar as questões do seu dia a dia como sendo algumas sagradas e outras seculares. Conforme Beeke (2016, p.1089), os puritanos carregavam consigo o ideal de que a ordem eclesiástica, o bem-estar do indivíduo e todo o bem-estar político, econômico e sociocultural das nações deveriam estar todos integrados para glória de Deus.

Conclui-se que fora a partir desse otimismo escatológico que os puritanos migraram da Velha para Nova Inglaterra, alimentando em sua devoção fervorosa a expectativa de estabelecer nesse novo lar, um lugar onde pudessem viver o cumprimento de sua cosmovisão escatológica dominante em seus corações. Cosmovisão definida por eles e tida como alvo e ideal a ser alcançado de tornar esse novo lar uma “cidade situada sobre um monte” em contraposição com aquilo que não fora possível ser totalmente implementado na Velha Inglaterra (BEEKE, 2016).

2. DESAFIOS DA ESCATOLOGIA PURITANA

Para obter uma melhor e mais apropriada compreensão sobre o modo escatológico puritano, é preciso saber que existem

alguns desafios, os quais se deve levar em consideração (BEEKE, 2016, p.1090). Uma primeira questão levantada por Beeke (2016, p.1090) aborda a análise da pesquisa histórica e o reexame sério do estudo desta tradição apocalíptica classificada por seus pesquisadores como algo muito recente.

Uma segunda observação mostra que já naqueles dias, haviam certas interpretações, categorizadas como amilenarismo, pré-milenarismo e pós-milenarismo (Beeke, 2016, p.1090). Acerca disso Crawford Gribben (apud BEEKE, 2016, p.1090) certifica-se, então que a teologia puritana conseguiu desafiar e transcender os conceitos escatológicos dos séculos XX e XXI.

Em terceiro lugar, necessita-se também levar em consideração os desafios da escatologia puritana desenvolvida no século XVII, a qual devido a grandes agitações em diversos sentidos, fora vista como um tempo de explosão escatológica (BEEKE, 2016, p.1090).

Anteriormente, haviam acontecido mudanças no pensamento milenarista de Agostinho, sendo mais tarde modificado por calvinistas e luteranos (Beeke, 2016, p.1090).

Também os puritanos continuaram a trilhar pelo mesmo caminho, mesmo não sendo eles unânimes, ao divergirem quanto ao tempo para o cumprimento exato desta visão escatológica (BEEKE, 2016, p.1090).

3. HERMENÊUTICA HISTORICISTA PURITANA

Algo de extrema necessidade para a compreensão acerca do pensamento puritano sobre sua escatologia é o conhecimento da chamada hermenêutica historicista (BEEKE, 2016, p.1091). Em conformidade com a apresentação de Beeke (2016, p.1091), a hermenêutica historicista puritana era desvinculada de todas as especulações vazias, para que não incorressem no erro da inconsistência contra o princípio *sola Scriptura*, estabelecido pela Reforma.

Diante das turbulências políticas e eclesiásticas enfrentadas pelo puritanismo, muitos criam estar vivenciando uma era excepcional, marcada pela chegada do tempo final (BEEKE, 2016, p.1091). Foi a partir desse contexto que os puritanos interpretaram os sinais dos tempos e as profecias não cumpridas do Antigo Testamento, em particular as preditas

pelo profeta Daniel e contidas no livro de Apocalipse, todas de acordo com o seu contexto histórico (BEEKE, 2016, p.1091). Para os puritanos, tratando-se de temas e fatores abordados pela escatologia, as Escrituras se referiam especificamente ao tempo em que viviam (BEEKE, 2016, p.1091).

É interessante lembrar e levar em consideração que os puritanos eram cessacionistas em sua grande maioria, acreditando na cessação da revelação especial após a conclusão do Novo Testamento (BEEKE, 2016, p.1092). Mas, não viam como um empecilho a ideia de profecia mediada, caso fosse utilizada por Deus no sentido de apontar para acontecimentos futuros como cumprimento da profecia bíblica (BEEKE, 2016, p.1092). Os puritanos ensinavam que a Escritura fora dada à Igreja para o ensino e instrução conforme Romanos 15.4, e que ao discerni-la, pode-se então entender a providência de Deus, pois a Palavra de Deus [...] é nossa norma, capaz de tratar de todas as questões específicas das igrejas (BEEKE, 2016, p.1092).

Thomas Manton (apud BEEKE, 2016, p.1092) afirmou:

“Mas agora, na era do evangelho, ele não decepciona seu povo completamente. Pois, embora

seu povo não possa ter conhecimento infalível de contingências futuras, ainda assim Deus produz um forte impulso na mente de seus filhos, coloca esse impulso em seus corações para que evitem isso e aquilo: não somos infalíveis na interpretação do acontecimento, mas podemos discernir boa parte da providência de Deus”.

4. AUTORES MILENARISTAS INFLUENTES

Em relação à influência apocalíptica nos escritos puritanos de sua época, Beeke (2016, p.1094) declara que o caos sociopolítico enfrentado por eles fora um dos fatos que os levaram a compor uma grande enxurrada de textos e sermões de natureza milenarista. Ao apresentar alguns de seus autores, em destaque, Thomas Brightman, um pregador e comentarista puritano que contribuiu para a primeira revisão inglesa do conceito reformado e agostiniano do milênio (BEEKE, 2016, p.1095).

Brightman, conforme aponta Beeke (2016, p.1095), defendia a ideia de que as cartas de Apocalipse 2 e 3, faziam menção a sete períodos da história da Igreja, partindo dos

tempos apostólicos, tendo seu término nos últimos dias. O livro do Apocalipse seguia de modo cronológico a história da Igreja, tendo como ponto mais alto os capítulos 20 a 22, na convicção otimista da glória dos últimos dias, quando o mundo se encherá do conhecimento do Senhor (BEEKE, 2016, p. 1095).

Brightman interpretava a primeira ressurreição de Apocalipse 20 como algo figurativo, aceitando-a apenas como uma restauração, pela Reforma da pregação bíblica e da teologia sadia (BEEKE, 2016, p. 1095). Para ele o milênio era a época de 1300 a 2300, período durante o qual a Reforma esmagaria os inimigos da igreja, em particular o papado, e a conversão dos judeus animaria o mundo (BEEKE, 2016, p. 1095).

Outro autor milenarista apresentado por Beeke (2016, p. 1095), foi o estudioso da língua hebraica, conhecido por suas obras sobre escatologia bíblica, Joseph Mede. Mede frequentemente escrevia como puritano, mas por questões relacionadas a ceia e o governo da Igreja, tendia para Igreja da Inglaterra (Beeke 2016, p.1095). Ele parece ainda em parte ter seguido os passos de Brightman, como o otimismo escatológico

tendo como enfoque o milênio como uma época de vitória da Igreja contra Satanás, mas vindo a discordar de Brightman quanto ao período exato do ocorrido (BEEKE, 2016, p.1095). Mede afirmava que no período do milênio, a Igreja desfrutaria de um tempo de paz e segurança sem a perseguição e o sofrimento de tempos anteriores (BEEKE, 2016, p. 1095). E, ainda de acordo com Beeke (2016, p.1095), Mede adotou algumas tendências do chamado pré-milenarismo, vindo a ser considerado o possível pai dessa posição.

Os escritos apocalípticos posteriores a Brightman e Mede, receberam grande influência em seu pensamento milenarista (BEEKE, 2016, p. 1095). Entre esses autores estão: William Perkins (1558-1602), William Twisse (1546-1646), Thomas Goodwin (1600-1680), William Gouge (1575-1653), Franciscus Junior (1545-1602), James Ussher (1581-1656), e Johannes Piscator (1546-1646) todos escreveram sobre milenarismo (BEEKE, 2016, p. 1096).

Beeke (2016, p.1095) faz uma apresentação dos temas predominantes discutidos entre autores, dos quais em destaque

via-se o papado como o Anticristo e a ruína da Igreja Católica fundamentando-se no livro de Daniel e Apocalipse.

A conversão do povo judeu também foi tratada em quatro pontos de vistas, sendo que, a primeira posição predominou por volta do século 17 como crença de que a conversão dos judeus aconteceria perto do fim do mundo (BEEKE, 2016, p. 1096). A segunda posição, citada por Beeke (2016, p.1096), como minoritária, acreditava que a conversão futura de Israel resultaria em um tempo de glória para a Igreja e prosperidade espiritual, mas não aceitava a ideia de um milênio inaugurado pela aparição de Cristo e uma ressurreição dos santos. Beeke (2016, p.1096) também faz citação de uma terceira posição com menos defensores e de curta duração, que acreditavam numa conversão geral das nações, seguida de uma aparição pré-milenarista de Cristo. Essa conversão geral das nações resultaria também na conversão de Israel e no estabelecimento do reino de Cristo por pelo menos mil anos antes do dia do juízo (BEEKE, 2016, p. 1096). E, a quarta posição, sobre a conversão do povo israelita, que era mantida por um número ainda menor entre os demais puritanos, era a que

rejeitava e negava qualquer tipo de era de ouro (BEEKE, 2016, p. 1096).

Os escritores puritanos também exploraram um terceiro tema, a glória da Igreja e Nova Jerusalém nos últimos dias, além da crença na conversão do povo judeu (BEEKE, 2016, p.1097). Autores como John Owen, James Durham, Brightman e Gouge foram os que relacionaram a conversão e restauração do povo judeu ao período glorioso para o mundo nos últimos dias (BEEKE, 2016, p.1097). Sobre os milenaristas como a exemplo de Mede, Twisse, Goodwin e Holmes, Beeke (2016, p.1097) diz que todos defendiam a posição que os judeus retornariam a Cristo como seu Messias, e a terra prometida a Abraão como o acontecimento introdutório ao milênio, ou um dos primeiros acontecimentos desse evento.

5. A MISSÃO PURITANA NA NOVA INGLATERRA

Em conformidade com as citações de Beeke (2016, p.1097), a transição de uma escatologia agostiniana para uma ideia otimista, mantida pelos puritanos, deu lugar à grande esperança ao se depararem com a possibilidade de triunfo no

Novo Mundo. Os primeiros puritanos que migraram para a nova Inglaterra, passaram a considerá-la como a terra prometida, uma terra cujas qualidades, homens eruditos poderiam colocar lado a lado com a Canaã dos israelitas (BEEKE, 2016, p.1097).

Muitas foram as citações que apareceram na literatura puritana da época, expressando convicções otimistas quanto a Nova Inglaterra entre eles (BEEKE, 2016, p.1098). Sustentavam o pensamento de que a migração para o Novo Mundo era uma espécie de marcha em direção a Nova Jerusalém (BEEKE, 2016, p.1098). Pensavam eles, ser escolhidos por Deus para ali se estabelecer, prosperar como povo a fim de contrabalancear o império do Anticristo criado pela Espanha em outras regiões das Américas (BEEKE, 2016, p.1098).

Nessa perspectiva escatológica, nota-se que os puritanos não se viam como meros especuladores do tema, mas se enxergavam como participantes dos acontecimentos que os conduzia à plena consumação da mesma (BEEKE, 2016, p.1098). Pois como presenciamos através da apresentação feita por Beeker 2016, ap.1098) os puritanos acreditavam que o Novo

Mundo proporcionaria a eles não apenas a liberdade religiosa individual impossibilitada na Inglaterra, mas acima de tudo, também tinha a oportunidade de cumprirem os seus deveres sacerdotais perante o plano escatológico como povo de Deus (BEEKE, 2016, p.1098). E após cumprida a missão, que consistia em tornar o novo lar uma cidade sobre os montes, o restante do mundo como a velha Inglaterra se renderia em arrependimento tendo como exemplo a Nova Inglaterra (BEEKE, 2016, p.1099-1100).

Infelizmente, a Nova Inglaterra não correspondeu à visão e o otimismo escatológico puritano em seus dias, pelo fato visto em que a esperada cidade situada sobre um monte se restringiu apenas ao nome (BEEKE, 2016). Perdendo seu papel profético em função de conduzir a Inglaterra ao arrependimento, a considerada Canaã viera a viver como no tempo dos Juízes se entregando a prostituição pagã, abandonando a reforma (BEEKE, 2016). Porém, isso não fez com que o otimismo escatológico fosse abandonado por parte dos seus pregadores, que de forma mais ávida chamavam o povo ao arrependimento a fim de que a Nova Inglaterra se

renovasse em busca do cumprimento do seu propósito (BEEKE, 2016, p.1100).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao procurar considerar o resultado da posição escatológica puritana, conclui-se, juntamente com Bekee, que essa visão não era de fácil compreensão e, que por esse motivo foram encontrados muitos obstáculos. Um dos seus grandes motivos, como fora já anteriormente abordado por Beeke, é o fato de que estavam esses estudos, em sua época de origem, totalmente desmembrados da categoria escatológica vista no século XXI.

Este posicionamento escatológico foi o principal responsável pelo zelo visto no labutar puritano em prol da grande comissão através das missões mundiais (BEEKE, 2016, p.1109). Como vimos nos relatos de Beeke, anteriormente, os puritanos acreditavam que a evangelização dos povos judeus e gentios estavam também ligados aos acontecimentos do fim do mundo.

Uma outra área que sofreu impacto devido ao otimismo puritano fora a esfera social, onde o benefício compôs o que Beeke (2016, p.1109) denomina de uma animação das pessoas em procurar evitar os pecados da Inglaterra. A fundação de uma nova sociedade cristã possibilitaria não apenas uma Reforma, mas o estabelecimento de todo um propósito divino visto na formação do Novo Mundo onde o Estado e a Igreja deveriam trabalhar juntos por um período, provendo assim a realidade de uma cidade situada sobre um monte, uma cidade que fosse luz para as nações (BEEKE, 2016, p.1109).

Enfim, ao observar o pensamento puritano, é possível que o maior impacto causado por sua escatologia tenha sido a promoção da esperança. Esperança que brotou e resistiu mesmo em meio ao poder ameaçador da guerra e das perseguições em território inglês, dos perigos sofridos e dos danos pessoais em territórios estrangeiros quando buscavam fundar uma igreja totalmente reformada. Esperança que mesmo diante da falta de êxito, não fez com que se entregassem à indiferença e a apatia, porém sempre mantiveram diante de si uma firme convicção gloriosa sobre a existência de dias

melhores, marcados pelo triunfo final do santo evangelho de Cristo.

REFERÊNCIAS

BEEKE, Joel. **Teologia Puritana: Doutrina para Vida**. São Paulo: Editora Vida Nova, 2016.

BÍBLIA SAGRADA com reflexão de Lutero. SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2015.

PACKER, J.I. **Entre os gigantes de Deus: uma visão puritana da vida cristã**. São Jose dos Campos, SP: Fiel, 2016.

RYKEN, Leland. **Santos no mundo: os puritanos como realmente eram**: 2 edição –São José dos Campos, SP: Editora Fiel 2013.

ARTIGOS

Temas livres em perspectiva Reformada

ARTIGO 1

INFLUÊNCIA DO CÂNTICO DOS CÂNTICOS NA
CANTIGA DE AMIGO: UM BRANDO SOPRAR

Zípora Dias VIEIRA*

RESUMO: O presente trabalho busca relacionar o Cântico dos Cânticos, na sua representação de eu-lírico feminino, às cantigas de amigo, em suas características gerais. Para tanto, faz-se necessário refletir sobre a influência bíblica na literatura, sobre as características da Cantiga de Amigo e sobre as particularidades do Cântico dos Cânticos. A análise será realizada por meio de um recorte do livro bíblico e posterior comparação com as características gerais da Cantiga de Amigo. A hipótese sobre análise do objeto em estudo é a de que o Cântico dos Cânticos exerce influência sobre as cantigas de amigo, uma influência que, apesar de branda, é notória.

PALAVRAS-CHAVE: Cântico dos Cânticos; Cantiga de Amigo; Literatura bíblica.

* Mestranda em Teoria Literária pelo Centro Universitário Campos de Andrade – PR; Pós-graduada em Língua Portuguesa e Literatura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie; Graduada em Letras pela Universidade de Mogi das Cruzes; E-mail: zipdi@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Direta ou indiretamente a literatura ocidental bebe de fontes sagradas e quanto mais retrocedemos na história da literatura, tanto mais o universo bíblico se faz presente. Para Martins (1979) a Bíblia ajudou a forjar a América, a Idade Média e a todos nós. Portanto, o debruçar sobre os textos sagrados, encarando-os como literatura, faz-se necessário para que possamos compreender a formação cultural de outrora e as influências geradas por essa formação na atualidade.

A poesia medieval portuguesa, nascida em um ambiente dominado pela Igreja, naturalmente apresenta certa influência bíblica, em diferentes níveis de intensidade. Essa influência, como se sabe, existe pela forte referência religiosa da época, ainda que houvesse espaço para o paganismo e para a poesia anticlerical. Os autores eram membros do clero, e religiosos, além dos autores nobres, educados por religiosos.

Martins, em sua obra “A Bíblia na Literatura Medieval Portuguesa” (1979), apresenta uma breve lista descrevendo citações e referência bíblicas nas cantigas de amigo, amor e de

maldizer. D. Afonso X, o Sábio, de acordo com Martins, referia-se à Páscoa e à Paixão de Cristo em cantigas de maldizer; Airas Pérez Vuitoron, em outra cantiga de maldizer emprega frases em latim aprendidas nas Sagradas Escrituras: “*quentu legares en terra / erit ligatum in celo*. O que tu, Pedro, ligares na Terra, ficará ligado no Céu!” E, pouco adiante: “*pugnate cum serpente*, isto é, lutai contra a serpente.” (MENDES, 1979, p. 14). Sobre as cantigas de amor, Mendes observa:

Passando a outro poeta, não esqueçamos *Vidal, o Judeu d’Elvas*, posto que nada sabemos da sua posição social. Pertencem-lhe duas cantigas do mesmo cancionero [...] em louvor duma judia. O poeta sofre como *cervo lançado para fora da companhia das cervas* — e tudo pela *muy fremosinha d’Elvas*. Ora, o *Cântico dos Cânticos* compara precisamente o enamorado a um cervo: “O meu amado assemelha-se a uma cabra montês e a um veadinho.” (MENDES, 1979, p. 15-16)

Mendes (1979, p.17) ainda cita o D. João Soares Coelho que escreve referências ao Anticristo e ao fim do mundo, e, ainda sobre a obra do trovador, Mendes cita: “E na cantiga 473, do mundo às avessas, como diria Segismundo Spina, sentimos soprar uma aragem do Apocalipse, acerca da bem-aventurança dos que já morreram” (1979, p.17).

Mais à frente, quando cita Pero Garcia Burgalês, outro trovador, autor de uma cantiga em que o eu-lírico morre de amor, no entanto ressurgue ao terceiro dia, Mendes (1979, p.17) salienta: “Isto não chega para fazer deste serventês uma poesia de inspiração bíblica. Mas são alusões bíblicas, um roçar de asa.”

Um roçar de asa, ou o soprar de uma aragem: essas são figuras adequadas para explicar e entender a presença e a influência das Sagradas Escrituras na poesia medieval portuguesa. Um leve toque, uma presença suave, sem pretensões evangelísticas ou condenatórias, apenas a bela e por vezes discreta referência a narrativas e poesias milenares. Tal fato, somado à realidade já citada de que direta ou indiretamente recebemos em nossa cultura ocidental influências inúmeras da Bíblia, ressalta a necessidade de conhecermos e estudarmos os textos bíblicos como literatura. Afinal, para uma leitura mais abrangente de diversas obras é necessário que levemos em conta a presença do universo bíblico, mesmo que este se mostre, muitas vezes, apenas como uma aragem. Este artigo busca analisar a influência do livro

Cântico dos Cânticos nas cantigas de amigo, uma ramificação da poesia trovadoresca portuguesa. A análise será realizada utilizando um trecho do já citado livro bíblico, o objetivo é encontrar aspectos relevantes que demonstram o poder inspirador e influenciador do Cântico dos Cânticos na Cantiga de Amigo.

1. CANTIGA DE AMIGO

Por influência provençal, o lirismo trovadoresco fixa-se na Península Ibérica e ramifica-se em duas espécies de poesia, a lírico-amorosa e a satírica. A primeira subdivide-se em cantiga de amor e cantiga de amigo. Sobre distinções dentro da poesia trovadoresca, Spina justifica:

Junto da nova forma importada para os primeiros salões da casa de Borgonha (a canção, o *cantar d'amor*), adquire foros de cidadania a velha poesia nacional, vestígio ainda florescente do primitivo lastro poético da România – cujo agente criador era a mulher e cuja expressão literária eram as cantigas d'amigo. (SPINA, 1956, p. 37)

Na cantiga de amor, em linhas gerais, o trovador “empreende a confissão, dolorosa e quase elegíaca, de sua angustiante experiência passional frente a uma dama inacessível a seus apelos” (MOISÉS, 2006, p.20). Dessa maneira, uma “atmosfera suplicante” varre o poema, embebida da confissão da coita (sofrimento) por parte do trovador. A mesma atmosfera de suplício está presente nas cantigas de amigo, sobre ela nos debruçaremos um pouco mais.

As cantigas de amigo focalizam o lado feminino do sofrimento amoroso. Como é sabido, o drama é da mulher, porém, quem escreve a cantiga é o trovador, Moisés levanta dois motivos para tal fato: “1) Pode ser ele precisamente o moço com quem a moça vive sua história; o sofrimento dela, o trovador é que o conhece, melhor que ninguém; 2) por ela ser a jovem analfabeta, como acontecia mesmo às fidalgas” (MOISÉS, 2006, p.22).

Dessa maneira, de acordo com as palavras de Moisés, o trovador vive uma “dualidade amorosa”. Para o autor, o trovador extrai dessa dualidade as duas formas de lirismo amoroso: “Em espírito, dirige-se à dama aristocrática; com os

sentidos à camponesa ou à pastora. Por isso, pode expressar autenticamente os dois tipos de experiência passional, e sempre na primeira pessoa (do singular ou plural)” (MOISÉS, 2006, p.22).

Como recursos recorrentes nas cantigas de amigo, podemos listar alguns temas: ausência do amado, ambientação natural, diálogos com mãe e amigas, anseio pelo amado, alegria (anseio) pelo próximo encontro e tristeza pela ida do seu amado à guerra. A angústia passional nas cantigas de amigo é expressa por espécies diferentes de cantiga, de acordo com o recurso utilizado. Para Spina (1956) sete são as subdivisões. A primeira, o *cantar de amigo exclusivamente amoroso*, ocorre nas cantigas com as seguintes características: “A donzela nos narra a separação do namorado [...] a saudade, as juras de regresso breve [...], as conversações com a mãe ou com os confidentes [...] sobre episódios ou situações de sua vida sentimental” (SPINA, 1956, p. 75).

Em seguida, temos a *cantiga de romaria*, em que a mãe convida a mãe ou as amigas para uma peregrinação ao santuário, nesse lugar ela terá oportunidade para a conquista

amorosa. A *alva* é outra subdivisão, nela um enredo é recorrente: um vigia vem acordar os dois amantes, que passaram a noite juntos.

Outro tipo de cantiga é a *pastorela*, poema dialogado em que se opõe urbanidade palaciana e os costumes rústicos do campo, o tema “é a proposta amorosa à pastora feita por um cavaleiro que passa pelo campo” (SPINA, 1956, p. 76). *Bailadas e marinhas* (ou barcarolas) são as últimas subdivisões e tratam respectivamente de temas ligados à dança e aos sentimentos que ela pode suscitar, e, no caso das marinhas, temas ligados ao mar e aos sentimentos que ele inspira na donzela.

De acordo com Moisés, quando consideramos em conjunto, as diferentes configurações das cantigas de amigo “traduzem os vários momentos do namoro, desde a alegria da espera ou do diálogo entre moças acerca dos seus amores, até a tristeza pelo abandono ou a separação forçada” (2006, p.26). Uma série de símbolos recorrentes se insere nesses momentos, em algumas configurações mais que em outras, dentre eles estão o alvorecer, cervos, fontes, flores, ondas, aves, vento, luz e noite.

2. CÂNTICO DOS CÂNTICOS

Tradicionalmente, Cântico dos Cânticos, ou Cantares de Salomão em algumas traduções, é tido como um canto nupcial, a expressão de um profundo amor entre uma noiva, Sulamita, e seu noivo, Salomão.

Numa época em que a mulher é serva do homem, estes cantos que celebram o amor mútuo exprimem uma grande ternura. Atribuídos ao rei Salomão, são provavelmente uma coletânea de antigos de amor cantados durante as bodas ou na vigília. [...] Interpretado como uma alegoria, este poema simboliza para os judeus o amor de Deus pelo seu povo. Os cristãos viram nele igualmente a união de Cristo com sua Igreja, assim como o diálogo entre a alma e Deus. (FOILLOUX et. al., 1998, p. 57).

A despeito das variadas interpretações da temática de Cantares, fato é, como bem salienta Gonçalves, citando definições de estudiosos, que a temática central da obra pode ser definida como “amor erótico”, “ou, de forma mais genérica, como poemas que tratam do âmbito da sexualidade e do erotismo” (GONÇALVES, 2016, p.2). Outras definições incluem componentes emocionais e até morais: “amor apaixonado”. Gonçalves ainda reforça que esta visão implica em certa dose

de questionamentos acerca da sacralidade da obra, visto que o erótico é tido como profano. Já para Mota (2012), a dificuldade encontrada por rabinos e exegetas em atestar a sacralidade da obra-se liga-se ao fato de que o livro, de acordo com a autor, traz uma perspectiva antipatriarcalista, pois nele é a voz da noiva, a Sulamita, que se evidencia.

De sacralidade até autoria, o livro de Cantares é alvo de intensos debates há muito tempo. O rei Salomão, que reinou em Israel de 970 até 930 a.C, é apontado por muitos como autor da obra.

Para os que defendem essa tese, há no poema evidências internas que apoiam tal atribuição, a começar pelo próprio título, onde está dito que se trata do mais belo cântico de Salomão (1:1). Salomão é mencionado explicitamente em várias partes (1:1,5; 3:7,9,11; 8: 11,12) e, para muitos, identificado como o amante ou o “esposo” da Sulamita. Há claras referências à riqueza, ao luxo, à presença de bens importados (3:6-11), característicos do Reino de Salomão. (CAVALCANTI, 2005, p.23).

Cavalcanti ainda cita a opinião de estudiosos como Chatillon, que acreditam na autoria salomônica de Cantares, no entanto, para Chatillon, a obra “seria um poema lascivo, e não

sagrado” (CAVALCANTI, 2005, p. 23), por meio do qual Salomão descreveria suas relações sexuais.

A tese da não autoria salomônica possui argumentos fortes. Sobre o assunto, Cavalcanti (2005, p.24) salienta que, por tudo que se sabe de Salomão, “pouca ou nenhuma semelhança existe entre a figura do rei, tal qual aparece no poema, e a personalidade real de Salomão na História”.

Em relação à datação da obra, Cavalcanti (2005, p.26), citando Schonfield, salienta que as tentativas de situar a obra em determinado período histórico por meio de referências cruzadas e semelhanças entre temáticas encontradas em outros livros bíblicos, como a referência ao Líbano como sede de prazeres, é infundada, pois “tais expressões e comparações fazem parte do imaginário hebraico de todos os tempos e não podem ser datadas”. Por sua vez, Stadelmann (1998, p.26) afirma que, colocando em julgamento os critérios linguísticos e históricos, Cântico dos Cânticos foi composto em 500 a.C., embora não exista referência alguma à data da composição.

3. ESTRUTURA DE CÂNTICO DOS CÂNTICOS

Na subdivisão do cântico, além do título (1:1) , há 15 trechos atribuídos à esposa, 12 ao esposo e 9 trechos de “coro”. O Cântico dos Cânticos, numa divisão mais ampla, apresenta 6 partes, seis cânticos, divisão mencionada nos títulos da Bíblia versão Almeida Revista e Atualizada (2011).

No canto I (1:2 -2:7) o diálogo entre noiva e noivo se inicia (e assim prossegue em toda obra, entrecortado por recorrentes “coros”). Na primeira fala feminina, a intensa emoção da noiva pelo amado é expressa, bem como seu anseio por encontrá-lo; o diálogo se intensifica utilizando-se de recorrente linguagem metafórica, linguagem esta presente em todo poema.

No segundo canto (2:8 – 3:5) há um convite da Sulamita, pedindo que seu amado volte. Já no terceiro canto (3:6 – 5:1) há uma descrição da noiva, nesse canto também está presente de maneira latente a admiração do noivo pela noiva. O quarto canto (5:2 – 6:3) apresenta um possível devaneio, em que Sulamita sente a presença do amado batendo em sua porta; em seguida, a noiva descreve as virtudes do noivo.

No quinto canto (6:4 – 8:4) o noivo elogia sua noiva e ela responde; em seguida, a noiva realiza um convite de caráter sexual ao amado. O último canto (8:5 – 8:14) revela reflexões da noiva e o poema se encerra com uma evidente demonstração de amor mútuo.

4. ANÁLISE

O segundo cântico do livro de Cantares (2:8 – 3:5) foi escolhido para a análise, dele foram extraídos os trechos em que o eu-lírico é feminino, ou seja, a noiva é que expressa seu amor. A fim de facilitar a organização, apresentaremos a obra disposta em versículos, artifício criado séculos depois da feitura do Cântico dos Cânticos.

2:8 Ouço a voz do meu amado; ei-lo aí galgando os montes, pulando sobre os outeiros. 2:9 O meu amado é semelhante ao gamo ou ao filho da gazela; eis que está detrás da nossa parede, olhando pelas janelas, espreitando pelas grades. 2:10 O meu amado fala e me diz: Levanta-te, querida minha, formosa minha, e vem. [...] 2:15 Apanhai-me as raposas, as raposinhas, que devastam os vinhedos, porque as nossas vinhas estão em flor. 2:16 O meu amado é meu, e eu sou dele; ele apascenta o seu rebanho entre os lírios. 2:17 Antes que refresque o dia e fujam as sombras, volta, amado

meu; faze-te semelhante ao gamo ou ao filho das gazelas sobre os montes escabrosos. 3:1 De noite, no meu leito, busquei o amado de minha alma, busquei-o e não o achei. 3:2 Levantar-me-ei, pois, e rodearei a cidade, pelas ruas e pelas praças; buscarei o amado da minha alma. Busquei-o e não o achei. 3:3 Encontraram-me os guardas, que rondavam pela cidade. Então, lhes perguntei: vistes o amado da minha alma? 3:4 Mal os deixei, encontrei logo o amado da minha alma; agarrei-me a ele e não o deixei ir embora, até que o fiz entrar em casa de minha mãe e na recâmara daquela que me concebeu. 3:5 Conjurovos, ó filhas de Jerusalém, pelas gazelas e cervas do campo, que não acordeis, nem desperteis o amor, até que este o queira. (BÍBLIA SAGRADA, 2011, p. 918 - 919).

O trecho foi escolhido por ser ele um recorte que proporciona ao leitor uma mostra da temática trabalhada nas cantigas da noiva em Cantares. Procuraremos aqui aproximar a temática trabalhada com a temática recorrente e característica nas cantigas de amigo.

No versículo 8 do capítulo 2, a noiva exprime o anseio pelo esposo. Esse anseio está demonstrado pela alegria que ela revela quando ouve seu amado se aproximando. O desejo pela presença do amado é reforçado no versículo seguinte, em que

elementos da natureza são usados, a noiva compara o amado ao gamo, e revela a proximidade dele.

A voz do eu-lírico feminino a partir do versículo 10 é substituída pela voz do noivo; essa parte, por ser relativa ao eu-lírico masculino, foi suprimida do recorte. A fala da noiva só volta no versículo 15 do mesmo capítulo, nesse versículo a ambientação natural é muito rica, pequenos animais são citados: as raposinhas, e uma vinha. No trecho seguinte (versículo 16) ela reafirma a sua certeza na mutualidade do amor entre os dois; no mesmo versículo, a ambientação natural ganha mais uma vez espaço, quando a noiva cita onde está seu amado: apascentando ovelhas entre os lírios.

No versículo 17 uma certa angústia se faz presente, causada pela ausência do amado. A noiva suplica ao amado que ele volte antes do findar do dia, que ele fosse como um “gamo sobre os montes escabrosos”. Com essa figura, a noiva possivelmente pretende demonstrar seu desejo de que o noivo vencesse todas as dificuldades para estar com ela.

A angústia pela ausência do noivo é novamente demonstrada nos primeiros versículos do terceiro capítulo. A

noiva relata que de noite, já em sua cama, ela buscou o amado, no entanto, não o encontrou. Então, no versículo seguinte, ela revela sua intenção de se levantar e rodear toda a cidade em busca de seu noivo. Esse desespero revela possivelmente o estado de ansiedade da mulher, a intensidade de seu desejo pela presença do amado.

No versículo 3, a noiva narra que foi encontrada pelos guardas e perguntou a eles se haviam visto o amado; em seguida, a procura continua, pois sua angústia e desejo eram intensos. A noiva ainda relata no verso 4 que, mal deixa a presença dos guardas, encontra-se com seu amado. A sua alegria é tão grande que ela o agarra e não o deixa ir embora (verso 4). Não apenas isso, a noiva o leva até a casa de sua mãe.

O segundo cântico se finda no versículo 5, em que se nota a interlocução com as “filhas de Jerusalém”. Outras personagens femininas se fazem presentes no poema, e a noiva intenta fazê-las jurar “pelas gazelas e cervas do campo” que não iriam incomodar e nem acordar “o amor” até que este assim desejasse. Essas mesmas filhas de Jerusalém poderiam ser amigas da noiva e sobre a conjuração intentada pela amada

pairam variadas interpretações. É uma expressão recorrente na obra, está presente em 2:7, 3:5, 5:8, 8:4; ela pode expressar a ideia de que o amor deve ser livre, não forçado.

Os elementos de aproximação entre a obra Cântico dos Cânticos, representada pelo corte apresentado, e as cantigas de amigo são quatro, e esses elementos são recorrentes em todos os oito cantos do poema hebreu.

O sofrimento amoroso está presente no segundo canto, a tristeza pela ausência do amado é perceptível no versículo 17 do capítulo 2, em que a noiva suplica pelo regresso do amado. Essa separação do amado é marca da cantiga de amigo, bem como a saudade, ou a tristeza pela partida do amado. De maneira ainda mais intensa, esse sofrimento é revelado de 2:17 até 3:4. O anseio pelo retorno do noivo, e a alegria que tal esperança gera também estão expressa no segundo cântico (2:8-9).

A tristeza pela ausência do amado (ou angústia) e o anseio alegre pelo seu retorno são os elementos de aproximação mais fortes, e são recorrentes em toda obra, estão presentes nos versos: 1:7, 2:4-6, 2:8-9,4:16, 5:2, 5:4-6, 8:1-3. O anseio pela

presença do amado também finaliza o poema (8:14), o que demonstra a importância da temática na construção do mesmo.

O terceiro elemento de aproximação é a ambientação natural, forte marca das cantigas de amigo, e recurso também muito utilizado em Cântico dos Cânticos. Fato é que todos os cânticos apresentam figuras recorrentes da natureza e no segundo cântico, mesmo que em determinado trecho (3: 2-4) seja citado um ambiente citadino, a presença de elementos naturais também é recorrente: montes e outeiros no verso 2:8; gamo em 2:10; raposas e vinhedos em 2:15; rebanho e lírios em 2:16; gamo e montes em 2:17 e gazelas em 2:5.

Finalmente, o quarto elemento de aproximação se faz presente na interloração. Nas cantigas de amigo há recorrente diálogo da amante com outra personagem feminino, que pode ser representado pela mãe, por uma irmã ou amiga. As filhas de Jerusalém são citadas no canto, não apenas uma vez; podem ser elas amigas da jovem noiva campesina, confidentes da moça.

Além dos quatro elementos citados, o fato de Sulamita ser uma camponesa também aproxima a obra judaica do

conjunto de cantigas medievais. Afinal, é uma camponesa, uma pastora, que expressa todo seu amor e sofrimento nas cantigas de amigo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os elementos acima mencionado são suficientes para a verificação das semelhanças entre a obra *Cântico dos Cânticos* e a *Cantiga de Amigo*. Esse fato revela que a influência da Bíblia não se limita apenas a referências diretas, evangelísticas ou moralistas. Muitas vezes, a presença das Sagradas Escrituras é um “soprar de aragem”, leve, mas perceptível. No caso da *Cantiga de Amigo*, a branda influência bíblica é perceptível quando nas características das cantigas encontramos elementos recorrentes e marcantes em *Cântico dos Cânticos*, a saber: o eu-lírico feminino, a expressão sentimental pela ausência do amado, o anseio pelo próximo encontro, a ambientação natural e a interlocução com personagens femininos.

Não é exagero afirmar que, com diferentes intensidade, a literatura bebeu e ainda bebe das fontes sagradas judaico-cristãs. Portanto, é necessário aprofundarmos os estudos

relacionado à Bíblia como literatura, dessa forma será possível entendermos e apreciarmos melhor a riqueza da literatura antiga, bem como alcançar entendimento mais amplo dos escritos medievais, modernos e contemporâneos.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA SAGRADA. Traduzida em Português por João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil. 2 ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2011.

CAVALCANTI, Geraldo Holanda. **O Cântico dos Cânticos: um Ensaio de Interpretação através de suas Traduções.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=INRk0IQGs4AC&prints ec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 7 de abril de 2016.

FOUILLOUX, Danielle et. al. **Dicionário Cultural da Bíblia.** São Paulo: Edições Loyola, 1998. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=zztJfwFA4CUC&prints ec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 7 de abril de 2016.

GONÇALVES, H. M. **Um olhar indiscreto e desconstrutivo sobre as interpretações do cântico dos cânticos.** Revista

Inclusividade, Porto Alegre, n.2, p.1- 26, jul. 2002. Disponível em:

http://www.dm.ieab.org.br/recursos/teologia/um_olhar_indiscreto_cantico_dos_canticos_humberto.pdf. Acesso em: 7 de abril de 2016.

MARTINS, Mário. **A Bíblia na Literatura Medieval Portuguesa**. Venda Nova: Instituto de Cultura Portuguesa, 1979. Disponível em: cvc.instituto-camoes.pt/conhecer/biblioteca-digital-camoes/.../file.html. Acesso em: 7 de abril de 2016.

MOISÉS, Massaud. **A Literatura Portuguesa através dos tempos**. 33ª ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

MOISÉS, Massaud. **A literatura portuguesa**. 34ª ed. São Paulo: Cultrix, 2006. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=xcOYSXj0xN0C&prints ec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 7 de abril de 2016.

MOTA, B. C. **A Lavoura e o Jardim: Acordes do Cântico Dialogizados na Prosa de Raduan Nassar**. Itinerários, Araraquara, n. 35, p. 41-60, jul./dez. 2012. Disponível em: seer.fclar.unesp.br/itinerarios/article/download/5900/4497. Acesso em: 7 de abril de 2016.

SPINA, Segismundo. **Apresentação da Lírica Trovadoresca**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1956.

STADELMANN, Luís. **Cântico dos cânticos**. 2ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 1998. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=m61c6j52npAC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 7 de abril de 2016.

INSTRUÇÕES PARA AUTORES

A Revista Teológica é uma publicação quadrimestral da Faculdade Presbiteriana Fatesul, com o intuito de divulgar a Teologia Reformada.

CRITÉRIOS PARA PUBLICAÇÃO

O processo de avaliação é de responsabilidade do conselho editorial. Uma vez aprovados, os artigos serão publicados de acordo com o cronograma do conselho. Os autores cedem os direitos de publicação de seus artigos à Faculdade Presbiteriana Fatesul.

Se você estiver interessado em enviar um artigo ou estudo para publicação este deve ter de 8 a 12 páginas. Resenhas de livros relevantes ou de lançamentos também poderão ser enviadas para publicação.

NORMAS PARA PUBLICAÇÃO DO ARTIGO:

1. Título do artigo (maiúsculo, centralizado)
2. Nome do Autor (direita)
3. Resumo (máximo 250 palavras, justificado)
4. Introdução (contextualizar, apresentar o problema, objetivos, metodologia, divisões)
5. Corpo do texto (com as divisões numeradas)
6. Considerações finais
7. Referências

O artigo deve ser acadêmico e apresentar uma contribuição para as áreas de teologia sistemática, bíblica, exegética, teologia pastoral, história da igreja e apologética.

O artigo deve ser inédito, ou seja, não pode ter sido submetido à avaliação ou publicado em outra revista, mas ensaios apresentados em congressos serão aceitos para publicação.

Dúvidas podem ser esclarecidas pelo e-mail: lucianobetim@outlook.com.br

NORMAS DE CITAÇÕES

As citações deverão aparecer no corpo do texto, tamanho 12, fonte Arial, seguindo o modelo AUTOR, DATA, conforme as regras abaixo:

Citação indireta:

Calvino (2008) denomina esse futuro período em termos bênçãos espirituais de Deus para o seu povo.

Ou:

Esse futuro é denominado por Calvino em termos bênçãos espirituais de Deus para o seu povo (2008).

Citação Direta:

Grudem (1999, p. 801) define-os como “Quaisquer atividades na comunhão da igreja que Deus usa para distribuir mais graça aos cristãos”

Ou:

De acordo com Grudem são “Quaisquer atividades na comunhão da igreja que Deus usa para distribuir mais graça aos cristãos” (1999, p. 801).

Citação direta com mais de três linhas

As citações com mais de três linhas devem ter um tipo de destaque diferente: é necessário reduzir o tamanho da fonte, podendo ser para 10,5 com um recuo de 4cm.

Exemplo:

Nem sempre se pode dizer que é a incredulidade dos presbíteros ou do doente. Trata-se simplesmente do fato de que Deus não lhes concedeu a fé necessária para a obtenção da cura ali, de imediato, de acordo com os seus propósitos insondáveis (LOPES, 2006, p.177).

MODELO DE REFERÊNCIAS

BÍBLIA SAGRADA. Nova Versão Internacional. São Paulo: Editora Vida, 2007.

CALVINO, João. **Comentário sobre o livro de Joel.** Brasília, DF: Monergismo, 2008.

LOPES, Augustus Nicodemus. **Série Interpretando o Novo Testamento: Tiago.** São Paulo: Cultura Cristã, 2006.

**FACULDADE PRESBITERIANA
FATESUL**

Teologia Reformada ao alcance de todos



**Núcleo de Publicações
FATESUL**

Fone: 3263- 2580

Email: faculdadepresbiteriana@gmail.com